



Campus Universitário de Almada  
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Joana Rita Reis Garnecho  
Organização do Espaço no Jardim de Infância

Mestrado em Educação Pré-Escolar  
Orientadora: Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, 21 de outubro de 2020



Campus Universitário de Almada  
Escola Superior de Educação Jean Piaget

## **Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada**

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série- n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Orientadora:** Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

**Discente:** Joana Rita Reis Garnecho

Almada, 21 de outubro de 2020

O acesso à educação é também um direito de todas as crianças, especificando-se que essa educação tem como base uma igualdade de oportunidades (Convenção dos Direitos da Criança, 1989, art.º 28 e 29).

## Agradecimentos

É de assinalar que não foi um percurso fácil, a obtenção deste grau académico tornou-se desafiante e, por isso, quero agradecer a todas as pessoas que me incentivaram, ajudaram e partilharam comigo todo este percurso até aqui. Foram muitas as pessoas que me acompanharam ao longo desta caminhada, às quais agradeço de forma especial:

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Cristina Gonçalves, que me acompanhou desde o tempo de licenciatura até a fase de conclusão de mestrado. Obrigada por toda atenção, disponibilidade, orientação e pela forma empenhada como me ajudou e apoiou na concretização deste relatório final.

À Doutora Helena Ribeiro de Castro, um especial obrigado de coração pelas palavras certas na hora em que só queria desistir.

Obrigada á minha família, nomeadamente aos meus pais, irmão, tias, marido e filho, por serem o meu pilar, por acreditarem em mim, pelo apoio incondicional e pela forma motivadora com que sempre me ensinaram a lutar pelos meus sonhos. Às minhas colegas de trabalho que me alegraram nos dias mais cinzentos. À minha turma, um obrigada por já serem os futuros profissionais que, com toda a certeza irão enriquecer muitas escolas, tendo sempre olhar atento ás necessidades de cada criança em particular. Obrigada às educadoras cooperantes por partilharem a sua prática pedagógica, contribuindo assim para a minha identidade profissional.

Obrigada a todas as crianças com quem tive oportunidade de partilhar vários momentos neste percurso, quer na Licenciatura, quer no Mestrado por me darem a certeza de que são a alma deste mundo ao me fazerem-me acreditar que escolhi a melhor profissão. Sem citar nomes, agradeço a todos os docentes do Instituto Piaget, aos educadores cooperantes, orientadoras de estágio, pelo desafio de nos dar a conhecer que haverá uma escola onde se pode “aprender sem muros”. Ficaré para sempre no meu coração o nosso lema” desmuralha-te”.

## Resumo

O presente relatório diz respeito a um estudo sobre a temática da Organização do Espaço e dos Materiais na Educação Pré-escolar. Neste estudo, procurámos compreender se *a organização do espaço e dos materiais contribuem para o desenvolvimento de aprendizagens pelas crianças em idade pré-escolar.*

A investigação foi desenvolvida segundo uma metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso, pelo que pretendemos estudar uma realidade singular, sem generalizações para outros contextos. Do estudo fazem parte técnicas de recolha de dados que apoiaram todo o processo de investigação, como a consulta documental, a observação, e a entrevista.

No sentido de darmos resposta à questão de partida, dividimo-la em cinco objetivos, com os quais trabalhámos.

Do estudo emergiram um conjunto de condições que a verificar-se será provável que a organização do espaço e dos materiais contribua para o desenvolvimento de aprendizagens pessoais e de grupo, em crianças de pré-escolar.

Palavras-Chave: Organização dos Espaços e Materiais; Práticas Pedagógicas; Desenvolvimento e Aprendizagens; Jardim de Infância;

## Abstract

This report concerns a study on the subject of the Organization of Space and Materials in Pre-school Education. In this study, we sought to understand whether the organization of space and materials contributes to the development of learning by children of pre-school age.

The investigation was developed according to a qualitative methodology, being a case study, reason why we intend to study a singular reality, without generalizations for other contexts. The study includes data collection techniques that supported the entire investigation process, such as document consultation, observation, and interview.

In order to answer the starting question, we divided it into five objectives, with which we worked.

A set of conditions emerged from the study that, if verified, it is likely that the organization of space and materials will contribute to the development of personal and group learning in preschool children.

Key words: Organization of Spaces and Materials; Pedagogical practices; Development and Learning; Kindergarten;

# Índice Geral

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>I PRÁTICA PROFISSIONAL EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR.</b>	<b>4</b>
1. Contexto Socioeducativo da Prática de Ensino .....	4
1.1. A Instituição.....	4
1.2. Princípios Fundamentais da Instituição .....	5
2. Sala de Atividades.....	7
2.1. Caracterização do grupo da educação pré-escolar .....	7
2.2. A agenda semanal .....	8
3. Prática de Ensino Supervisionada.....	11
3.1. Princípios orientadores da Ação Educativa .....	11
3.2. Contributos para o desenvolvimento profissional.....	12
<b>II ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
1. Ambiente Educativo vs. Organização do Espaço e Aprendizagem .....	14
2. Organização do Espaço em Educação Pré-escolar - Movimento da Escola Moderna .....	18
3. O papel do educador na organização do espaço .....	19
4. Aprendizagem e desenvolvimento na criança em idade pré-escolar .....	21
<b>III METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
1. Objeto de Estudo, Pergunta e Questões de Partida e Objetivos do estudo .....	23
2. Investigação qualitativa e Estudo de caso.....	24
3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	25
3.1. Consulta documental.....	25
3.2. Observação participante.....	26
3.3. A entrevista .....	27
<b>IV. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>28</b>
4.1. Análise de Conteúdo da Entrevista .....	28
4.1.1. Análise do discurso da educadora.....	32
4.2. Análise das notas de campo .....	34
4.3. Análise documental.....	38
4.4. Síntese reflexiva emergente .....	41
<b>V. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
Referências Bibliográficas .....	57
Referências Legislativas .....	60

## Índice Geral

Anexos .....	61
Apêndices.....	64

## Índice de Anexos

Anexos A-Declaração de autorização de depósito no repositório comum .....	62
Anexos B-Licença de distribuição não exclusiva-repositório comum .....	63

## Índice de Apêndices

Apêndice A-Exemplos de registos de observações/notas de campo no contexto de Jardim de Infância .....	65
Apêndice B-Guião da entrevista .....	72
Apêndice C-Transcrição da entrevista individual à educadora cooperante em contexto de Jardim de Infância.....	75
Apêndice D-Planta de sala em contexto de Jardim de Infância do 1ºperíodo .....	79
Apêndice E-Planta de sala em contexto de Jardim de Infância 2ºperíodo .....	80

## Índice de Tabela

Tabela 1-Discurso da Educadora Cooperante .....	29
Tabela 2-Análise das notas de campo .....	34
Tabela 3 -Tabela de síntese reflexiva emergente .....	42

## Índice de Siglas

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ME- Ministério da Educação

APEI- Associação de Profissionais de Educação de Infância

MEM- Movimento da Escola Moderna

PE- Projeto Educativo

PCG- Projeto Curricular de Grupo

## INTRODUÇÃO

O presente relatório realiza-se no âmbito da Prática Ensino Supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, do Instituto Piaget, sob a orientação da Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves.

Este estudo surgiu da observação da sala de atividades em que desenvolvemos a prática supervisionada, em educação pré-escolar, ao nível da organização e definição dos espaços e dos materiais, pois, embora as crianças interagissem com o ambiente físico da sala, nem sempre a organização desta, os estimulava e permitia a aquisição de novas aprendizagens e consequentemente o seu desenvolvimento. Esta constatação, juntamente com a nossa vontade em aprofundar este assunto, fez com elegêssemos como tema de estudo “A organização do espaço e dos materiais no jardim de infância” dado que *o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas, das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela.* (LIMA, 2001, p.16).

Zabalza (1992) refere que uma das atribuições fundamentais, talvez mesmo a principal, na escola infantil é a de criar um ambiente adequado: não se trata de ensinar nada, em sentido convencional, mas criar ambientes ricos e estimulantes que permitam, e potenciem, o desenvolvimento global de todas as crianças.

Segundo Silva (2016, p.26), *os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens.* O mesmo documento, afirma que a reflexão permanente do educador sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo, sendo esta reflexão condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças.

Ainda Silva (2016, p.26) é referido que *o conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.*

Tendo em conta o que anteriormente foi mencionado, depreendemos que a organização dos espaços é fundamental para as aprendizagens das crianças e para o seu desenvolvimento, mas os materiais neles existentes não serão um aspeto a descurar e a sua importância

*na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças e o projeto curricular de grupo. A progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiantes e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados (ibidem, p.26).*

Neste sentido, o presente estudo visa perceber se a organização do espaço e dos materiais contribuem para o desenvolvimento de aprendizagens autónomas pelas crianças, em idade Pré-Escolar, partindo de cinco questões norteadoras: 1. Perceber quem participa na definição dos espaços e dos materiais existentes na sala; 2. Compreender de que forma as crianças se apropriam dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades; 3. Perceber como evolui a organização do espaço e dos materiais na sala, ao longo do ano letivo. 4. Perceber a importância que a educadora atribui à organização do espaço e dos materiais, na sua prática; 5. Perceber se as atividades propostas às crianças têm em conta a organização do espaço e dos materiais.

Pertinente será referir que as intervenções realizadas no ambiente de estágio, auxiliaram a investigação, pois emergiram-nos na problemática em estudo, facilitando o entendimento sobre as dinâmicas de sala, nomeadamente as relacionadas com a organização do espaço e dos materiais, bem como das atividades desenvolvidas em cada espaço, na sala de Jardim de Infância onde estagiámos.

A presente investigação foi desenvolvida segundo uma metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso. Dela fazem parte procedimentos de recolha de dados que apoiam todo o processo de investigação, nomeadamente, a consulta documental, a observação participante, e a entrevista.

O documento que a seguir se expõe tem como objetivo a apresentação do relatório de investigação. Este é constituído por várias partes, sendo elas as seguintes:

Introdução - tem como principal objetivo apresentar o tema e sua fundamentação, bem como as questões que deram corpo à investigação.

Prática Profissional em Contexto de Educação Pré-Escolar - caracteriza a instituição e os seus princípios fundamentais, bem como a sala de atividades onde foi realizado o estudo em causa, no que respeita ao grupo, à organização do espaço e dos materiais e à agenda

semanal. Por fim, apresenta os princípios orientadores da ação educativa subjacentes à Prática de Ensino Supervisionada e os contributos desta prática para o desenvolvimento profissional da estagiária, bem como as limitações da mesma em relação à investigação realizada.

Enquadramento teórico - pretende sistematizar a revisão da literatura consultada ao longo desta pesquisa, para melhor compreensão do estudo. Pertinente será referir que esta revisão foi realizada em plena época de confinamento social, devido ao covid 19, facto que colocou vários constrangimentos ao acesso à bibliografia pretendida.

Metodologia - apresenta-se a metodologia utilizada, bem como as técnicas de recolha e análise dos dados.

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados - descreve a interpretação dos dados recolhidos, apoiada e fundamentada pelo referencial teórico, procurando responder ao problema levantado no início deste estudo.

Considerações finais - apresenta as conclusões decorrentes do estudo, a sua implicação e contributo para a prática profissional e eventuais linhas de investigação possíveis sobre o tema. Apresenta ainda eventuais limitações do estudo.

Referências Bibliográficas - integram toda a literatura consultada.

Por fim apresentam-se os anexos e apêndices.

# **I.PRÁTICA PROFISSIONAL EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

## **1.Contexto Socioeducativo da Prática de Ensino**

No âmbito do presente Relatório, a prática educativa, subjacente à Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, e consequentemente o estudo realizado, teve como campo de observação e recolha empírica um grupo de Educação Pré-Escolar, no período de 15 de outubro de 2019 a 29 de janeiro de 2020.

### **1.1. A Instituição**

A Prática de Ensino Supervisionada em contexto de educação pré-escolar ocorreu numa instituição de educação particular, situada na localidade da Charneca da Caparica, concelho de Almada, na União das freguesias de Charneca de Caparica e Sobreira, distrito de Setúbal.

A instituição em questão encontra-se em funcionamento desde o ano letivo de 1996/97 e tem paralelismo pedagógico.

O edifício da instituição foi construído de raiz, encontrando-se todos os espaços e materiais em bom estado de conservação e cuidados. O edifício possui cave, rés-do-chão e 1.º andar, estando o piso do rés do chão destinado às valências de creche e ao jardim de infância.

A creche é composta por: quatro salas de atividades destinada a crianças dos 4 meses aos 3 anos; com casa de banho e refeitório para uso comum a duas salas. Cada sala de atividades tem um recreio adequado à idade das crianças, com acesso direto. Ainda neste piso podemos encontrar a sala da coordenação, secretaria e duas casas de banho para adultos e uma casa de banho adaptada para pessoas com deficiência.

O jardim de infância é composto por: quatro salas de atividades destinadas aos grupos de pré-escolar, casa de banho comum a todas as salas, sala dos funcionários, uma casa de banho para adultos, sala de tratamentos, dispensa, refeitório para o uso do jardim de infância e primeiro ciclo do ensino básico e cozinha.

No piso de cima (1º andar), encontram-se as quatro salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como casas de banho comum e duas casas de banho adaptadas para pessoas com deficiência e centro de recursos/sala de reuniões.

A coordenação pedagógica é composta por: uma diretora pedagógica da creche e da educação pré-escolar; uma diretora pedagógica do 1.º Ciclo do Ensino Básico e uma orientadora pedagógica do Movimento da Escola Moderna.

## **1.2. Princípios Fundamentais da Instituição**

O Projeto Educativo da instituição, defende, através dos seus profissionais, os princípios de equidade e o respeito pela criança como um ser único, reconhecendo as suas capacidades e a sua cultura; providenciando um atendimento individualizado a cada criança, de acordo com as suas capacidades e potencialidades, garantindo o desenvolvimento da sua própria personalidade.

Defende ainda que a casa e a escola devem ser suportes para o crescimento e desenvolvimento da criança numa intervenção conjunta, com crescimento paralelo onde haja diálogo, interesse e conhecimento mútuo. Para tal, propõe-se desenvolver atividades que envolvam os pais na vida e participação do processo educativo.

A instituição considera a família como o “lugar” de afetos, de segurança e de alteridade, considerando-a o primeiro espaço de educação para a cidadania. A família é ainda percecionada enquanto “exemplo” de participação na vida social e cívica, de interesse pelo que a rodeia, de transmissão de valores e de espaço de oportunidades de expressão dos talentos e das competências relacionais e societárias, de (co) responsabilidade associada à liberdade de opção que todos deveremos ter ao nível do desenvolvimento do nosso plano e percurso de vida, da solidariedade e do exercício da cidadania.

No seguimento desta linha de pensamento, a escola surge como complemento à sociabilização familiar, pela possibilidade do encontro com “o outro” e com as “diferenças”, pois é sentida como o primeiro pilar da sociabilização pública das crianças e tem evoluído, cada vez mais, no sentido de preparar as crianças para a vida em comunidade, numa postura de educação para a responsabilidade e para compromisso coletivo.

A escola promove uma partilha regular dos procedimentos de trabalho entre todos os agentes educativos, tornando a sala de aula um contexto privilegiado de desenvolvimento e aprendizagem aberta à participação de todos. Assim as parcerias que se estabelece entre a instituição e a comunidade, têm como objetivo fundamental a apropriação das ferramentas culturais pelas crianças. A escola está por isso dentro da comunidade, assim como a comunidade está dentro da escola, propondo-se esta atingir as seguintes metas que consolidam os seus propósitos educacionais:

- Promover e implementar uma cultura colaborativa entre todos os intervenientes no processo educativo;
- Promover a formação de toda a equipa;
- Dinamizar reuniões pedagógicas;
- Dinamizar ações de formação;
- Dinamizar o trabalho em grupos colaborativos;
- Promover a relação Escola/Família, através dos projetos de turma/grupo; promover situações de aprendizagem que fomentem a expressão de interesses e aptidões de todos os alunos;
- Cumprir a função socializadora da escola na procura de opções curriculares diferenciadas, ajustadas aos diferentes públicos;

A instituição assume, como Modelo Pedagógico, o Movimento de Escola Moderna (MEM), cuja prática democrática da gestão dos conteúdos, das atividades, dos materiais, do tempo e do espaço se fazem em cooperação. A participação dos alunos na organização, gestão e avaliação cooperadas de toda a vida do grupo constituem um exercício de cidadania democrática ativa que tem os seguintes princípios orientadores:

- A ação educativa centra-se na diferenciação do trabalho de ensino e aprendizagem respeitando as diferenças entre as crianças, os seus interesses, ritmos e estilos de aprendizagem;
- A aprendizagem é algo que permanece, que se automatiza, que se constrói, mas sobretudo é entendida como algo que se interioriza a partir da interação social;
- A criança intervém na comunidade educativa como fonte de conhecimento para os seus projetos de estudo;
- Cada grupo só alcança os seus objetivos escolares se cada elemento alcançar os seus;
- O conhecimento constrói-se pela planificação e avaliação do percurso realizado, explicitando aos outros como se fez;
- A prática democrática de organização da vida na escola institui-se em Conselho de Cooperação Educativa;
- A gestão dos conteúdos a aprender é feita de forma partilhada entre crianças e adultos;

## 2. Sala de Atividades

### 2.1. Caracterização do grupo da educação pré-escolar

A informação sobre as características do grupo foi compilada e organizada, a partir de informação oral transmitida pela educadora da sala, aquando do nosso estágio em educação pré-escolar, retirada do Projeto Curricular de Grupo (PCG) e através do nosso próprio conhecimento sobre o grupo, tendo em conta que estagiámos nesta sala de atividades.

Este grupo é constituído por 24 crianças, sendo 11 crianças do sexo feminino e 13 crianças do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e 5 anos, sendo denominado como um grupo vertical. Estes grupos são organizados de acordo com a perspetiva de Nóvoa (2013, p. 149) que afirma que *a constituição dos grupos de crianças deve ser pensada integrando de preferência várias idades para que se possa assegurar a heterogeneidade geracional (...)*.

As crianças que constituem o grupo da Sala são crianças que já estavam no Jardim de Infância, no ano anterior e crianças que vieram ingressar o grupo vindas de outros contextos escolares.

O Grupo evidencia um interesse grande pelas histórias, pelas atividades disponíveis na Área da Expressão Plástica e um bom nível de participação nas conversas e debates que ocorrem durante o dia e a semana. A Área das Construções também tem sempre muitos adeptos e são cada vez mais frequentes as construções que implicam a utilização de mais do que um material.

A Área das Ciências e da Matemática também tem despertado um grande interesse e envolvimento por parte de todas as crianças, entusiasmadas que estão com o aparecimento de novos jogos e propostas.

De acordo com a observação que fizemos constatámos e comprovámos que o Grupo é constituído por crianças bastante ativas e interessadas nos momentos da rotina, nas explorações e atividades propostas, embora os níveis de desempenhos e competências fossem diferenciados, como é natural num grupo vertical.

O PCG apresenta como objetivos gerais para o presente ano letivo: -Promover a autonomia das crianças a todos os níveis, incluindo a tomada de decisões e resolução de conflitos; -Encorajar ao diálogo, à troca de ideias e ao debate de diferentes pontos de vista como forma de nos enriquecermos como grupo; -Fomentar a criatividade através da promoção do contacto com diferentes técnicas e materiais; -Despertar a curiosidade, o espírito crítico e a capacidade de partilhar oralmente ideias, pontos de vista e descobertas ou outros assuntos do

seu interesse; -Apoiar e encorajar as questões levantadas pelas crianças, levando-as a procurar respostas satisfatórias; -Acolher e integrar nas dinâmicas, nos espaços e nos tempos do grupo quaisquer contributos que as crianças ou respetivas famílias queiram partilhar; -Promover o espírito de grupo, de partilha e de comunidade; -Envolver de forma genuína as famílias e outros elementos da comunidade educativa na vida do grupo.

Os objetivos atrás indicados estão de acordo com os princípios pedagógicos da instituição que são eles próprios, princípios da educadora e da equipa pedagógica que a acompanha.

A educadora proporciona ao grupo experiências interessantes e versáteis em várias áreas de conteúdo, tendo sempre em contas as orientações curriculares de Educação pré-escolar, sendo uma impulsionadora de novas aprendizagens, gere sempre o seu tempo de modo a poder observar o comportamento do grupo. Com esta estratégia, considera encontrar momentos de reflexão para perceber de que forma poderá melhorar o espaço, a exploração dos materiais e as atividades propostas.

## **2.2. A agenda semanal**

Segundo o Projeto Educativo da Instituição (PE), existem tempos estruturados do currículo que as educadoras e professoras apresentam nos primeiros dias e que se tornam em rotinas de trabalho. São eles: as reuniões de conselho cooperação de turma; o trabalho em projetos; o tempo das comunicações; o trabalho estudo autónomo e o ler, contar e mostrar.

O PE menciona ainda que aos tempos acima referidos de desenvolvimento das aprendizagens, juntam-se outros com uma dimensão mais variável, que é o caso dos tempos para trabalho de texto, para sessões coletivas de Matemática e para sessões coletivas de expressões. A planificação semanal, definir-se-á em forma de agenda semanal, negociada com os alunos no início de todas as semanas e avaliada no final das mesmas.

O PCG informa que, segundo Silva (2016, p.27), *O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade.* O mesmo documento refere que *o tempo diário se inscreve num tempo, semanal, mensal e anual, que tem ritmos próprios e cuja organização tem, também, de ser planeada.* Sendo importante haver um planeamento prévio das semanas que se seguem, como ferramenta de trabalho do MEM é utilizado a agenda semanal.

De acordo com o projeto curricular de grupo a agenda semanal tem como objetivo ser o instrumento que, acima de todos, permite que as crianças entendam o tempo da semana que decorre no espaço da escola como uma sequência de acontecimentos distintos a cada dia, mas que se podem entrelaçar uns com os outros e até entre semanas, sempre que o trabalho iniciado em dada altura necessite de mais tempo para ser concluído ou sempre que o interesse das crianças o justifique.

Ainda que a Agenda Semanal seja fixa, ou seja, determina para cada dia determinado tipo de atividades, podem acontecer exceções, naturalmente. Um passeio, uma animação cultural cujo interveniente não tinha disponibilidade para vir no horário estipulado, uma partilha que chega à sala e se prolonga pela manhã, enfim... toda uma série de peripécias para as quais a Agenda deve permitir toda a plasticidade para acolher nela tudo o que nela se queira ou se decida incluir.

As crianças participam na construção da Agenda Semanal da sala, por forma a reconhecerem e identificarem nela os acontecimentos que regem a vida do grupo.

Ainda que cada dia tenha os seus momentos definidos, dentro de cada um desses momentos cada criança terá a sua experiência e fará as suas escolhas de acordo com as propostas disponíveis.

Assim, neste instrumento inscrevem-se as atividades que, por exigência das instalações da escola, são realizadas em horas fixas e em locais comuns e outras atividades que se constituem, sem rigidez, como rotinas da turma, por exemplo, o dia da Culinária ou das Experiências. Estas rotinas acabam por ser o guião da vida diária do grupo, ajudando a criar um ambiente agradável, seguro e enriquecedor.

A partir da história “O Monstro das Cores vai à escola”, foi lançado o desafio de voltarmos a fazer a nossa Agenda Semanal e, dado que muitas das crianças ainda se lembravam da Agenda do ano passado, esta foi uma tarefa muito fácil de realizar.

Presentemente, as manhãs dividem-se da seguinte forma:

- **Até às 9h30m** – chegada das crianças à sala, atividades de escolha livre nas diversas Áreas de Interesse, marcação individual da presença, preenchimento do mapa do tempo pelo responsável pela tarefa.

- **Às 9h30m** – Reunião de todos no tapete para um breve acolhimento e segue-se o Tempo de Trabalho Comparticipado, dividido da seguinte forma, de acordo com a nossa Agenda:

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Histórias, lengalengas, conversas, etc...	Matemática	Culinária ou Experiências ou Visitas	Música e Ginástica	Conselho Conclusões e Arrumações de Trabalhos

Depois do tempo de Trabalho Curricular Comparticipado, as crianças dirigem-se para as Áreas de Interesse e é fundamental que disponham deste tempo para a descoberta e manipulação dos materiais, permitindo-lhes interrogações e o aparecimento de dúvidas que se podem transformar em projetos.

No final da manhã, se o tempo o permitir, vamos ao recreio, temos o nosso momento de higiene seguido pelo almoço. Depois, as crianças de 3 e 4 anos vão para a sala fazer o seu período de repouso e as crianças de 5 anos vão para o recreio reentrando às 14h para a Sala A para as Tardes de Trabalho.

As tardes de Trabalho são realizadas em conjunto com as crianças de 5 anos da Sala A e são asseguradas, em parceria, pelas Educadoras C e S. Estas tardes pressupõem algum trabalho mais específico de preparação para o 1º Ciclo, distribuindo-se da seguinte forma ao longo da semana:

2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
Abordagem à Linguagem Escrita e Oral	Matemática	Conhecimento do Mundo	Informática	Inglês
Trabalhos de Projeto				

- Às 15h30, o grupo reúne-se novamente na Sala para, em conjunto, fazer o Balanço do Dia: o que fizemos efetivamente e o que ficou por fazer.
- Às 16h00 lanchar e depois do lanche regresso à Sala para terminar trabalhos pendentes e para nova exploração das Áreas de Interesse.
- Às 16h45m/17h00, se o tempo o permitir, ida para o recreio.
- Às 17h30m, os meninos que restarem são distribuídos por outras salas.

### 3. Prática de Ensino Supervisionada

#### 3.1. Princípios orientadores da Ação Educativa

A Instituição educativa onde decorreu o nosso estágio apresenta um projeto educativo onde assume como metodologia de trabalho a do Movimento de Escola Moderna.

A opção de realizarmos o estágio nesta instituição, teve em conta o Modelo Pedagógico usado (MEM), pois acreditamos e tentamos seguir os seus princípios, desde que tomámos contato com ele, em 2015, por via da instituição em que trabalhamos o usar desde essa data.

De acordo com a Lei-Quadro nº5/97, a educação pré-escolar tem como objetivo promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, baseando-se em experiências de vida. Desta forma, segundo a mesma lei, o educador deve *promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, fomentar a interculturalidade e o respeito pela diversidade cultural, assim como, contribuir para a igualdade de oportunidades (art.º 10)*. Para que tal aconteça, acreditamos que a metodologia do Modelo da Escola Moderna, pelo seu caráter global e pelos princípios que preconiza é a mais indicada. Isto é, cada professor do MEM compromete-se a trabalhar para a formação democrática e para o desenvolvimento sócio moral dos educandos com quem trabalha, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo. Quer isto dizer que educadores e crianças colaboram tanto na planificação das atividades, como na avaliação das mesmas, sendo que esta assenta numa negociação cooperada dos juízos de apreciação e do controlo dos objetivos assumidos nos planos curriculares coletivos e nos planos individuais de trabalho e de outros mapas e listas de verificação do trabalho de aprendizagem, que servem para registo e monitoragem do que se contratualizou em Conselho de Cooperação Educativa.

Consideramos, tal como no MEM que a vivência da democracia, em que valores como a justiça, a reciprocidade e a solidariedade são posto à prova, que a organização do trabalho e o exercício do poder partilhados virão a transformar as crianças e nós próprios, em cidadãos implicados numa organização em democracia direta. Deste modo, constroem-se comunidades de aprendizagem culturalmente motivadas, com crianças ativas. Isto é, em que *um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que faz ‘muitas coisas’, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza, etc., em ação interiorizada (pensamento ou em ação efetiva (segundo o seu nível de desenvolvimento))* (Ferreiro e Teberosky, 1986, cit. Santana, 2000, p.126).

O que anteriormente referimos tem em conta e está de acordo com os Princípios Educativos apresentados por Silva (2016, p.12), bem como com as implicações para a ação dos educadores de infância, com as quais também nós nos identificamos. Pela sua pertinência transcrevemos em seguida os referidos princípios:

*Desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis;*

*Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo;*

*Exigência de resposta a todas as crianças;*

*Construção articulada do saber.*

### **3.2. Contributos para o desenvolvimento profissional**

O período de prática supervisionada configurou-se um tempo e um espaço de grande aprendizagem para nós. Foi o momento de querermos colocar em prática tudo em que acreditamos e o momento de reflexão e de refazer as estratégias, pois a prática mostra-se bem mais complexa do que parece.

Desde cedo percebemos que o tema escolhido para trabalhar durante a prática - a organização do espaço e dos materiais - seria um tema de difícil execução, dado que a sala se encontrava com os espaços definidos de acordo com o MEM e na sua maioria, cada espaço tinha materiais adequados às idades das crianças e às atividades que eram propostas. Desta forma, compreendemos que seria impraticável uma intervenção de carácter geral que implicasse uma mudança na disposição dos espaços/áreas ou nas suas funções. Assim, aproveitámos o facto do espaço do “Faz de conta” necessitar de reformulação para introduzirmos alguma mais valia na sala, ao nível da reorganização do espaço dessa área, dos materiais existentes e das atividades que aí se poderiam desenvolver. De referir que todo o trabalho foi realizado com a participação das crianças em todas as fases do mesmo.

Embora o projeto realizado tenha sido muito importante para nós e para a sala, reconhecemos que não houve condições para o articularmos de forma pertinente com a investigação que queríamos realizar, pelo que acabámos de fazer dois trabalhos distintos, por um lado o projeto de intervenção e por outro o estudo de caso.

Pensamos que o estudo realizado poderia ter uma maior mais valia para nós próprios, enquanto investigadores e futuros profissionais de educação se tivesse sido usada a

metodologia de investigação-ação, já que o seu objetivo central é a *reflexão sobre a ação a partir da mesma* (Fernandes, 2006, p.4), facto que obriga a um maior diálogo entre a teoria e a prática e conseqüentemente a um maior crescimento/aprendizagem profissional. De qualquer modo, toda esta situação acabou por se constituir uma verdadeira aprendizagem que nos fez investir bastante mais ao nível das metodologias de investigação. Aprender com os erros que cometemos e transformá-los em novas oportunidades é em si mesmo um princípio a reter para a vida pessoal e profissional.

A prática deu-nos também a oportunidade de planificar e avaliar de forma participada com as crianças, com a segurança de quem tem uma educadora experiente sempre presente e pronta a ajudar e a ser o modelo sempre que foi necessário.

A prática contribuiu também para o aprofundamento teórico de temas educacionais e para uma diferente apropriação do documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, bem como para a experimentação de estratégias que serão basilares no nosso desenvolvimento profissional e na qualidade do nosso trabalho.

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Ambiente Educativo vs. Organização do Espaço e Aprendizagem

Os conceitos de ambiente e espaço educativos podem ser confundidos, porém quando nos referimos a espaço, referimo-nos ao espaço físico e ao que nele existe de objetos e materiais. Em contrapartida (Decreto-Lei 241/2001) *o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.*

No entanto, ambiente educativo não tem o mesmo significado de espaço. Uma vez que, o primeiro é mais amplo, integrando não só o espaço, mas também o tempo, os materiais e ainda as relações interpessoais.

Ferrão Tavares (2000, p.33) afirma que é importante *refletir sobre a organização do espaço na sala como meio de facilitar a interação da criança e do grupo num todo.* O espaço deve estar organizado devendo fornecer experiências diversificadas, que impulsionem o grupo em geral para novas aprendizagens, não esquecendo de dar importância à criança como um ser individual. Uma das preocupações dos profissionais de educação é promover um espaço estimulante, sendo que o importante é que as crianças que usufruem do mesmo consigam não só ver a sua organização, bem como o seu formato de utilização, permitindo que a mesma seja um apoio ao desenvolvimento curricular. Concretamente, é fundamental que seja permitido às crianças dar a oportunidade de fazer, escolher e aprender, *a organização do equipamento tem de ser suficientemente funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que necessitam para o desenvolvimento das atividades que escolheram* (Cardona, M. 1992, p.30). Um recurso que tem que ser sempre usado, é a planificação da disposição da sala, antes da abertura do ano letivo.

Para que o ambiente educativo ajude no desenvolvimento e na aprendizagem é importante verificar se os materiais disponíveis, são diversificados e desafiantes ao longo do ano, tendo sempre em atenção as necessidades e à individualidade do grupo.

Tal como refere **Lopes da Silva (2016)** *a escolha dos materiais deverá atender a critérios de qualidade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.*

Na organização dos materiais é de ter em conta o seu fácil acesso por parte da criança, promovendo sempre que possível autonomia e criando assim a sua independência, como a partilha e a cooperação. Assim sendo, segundo Silva (2016, p.26):

*(...) A importância dos materiais na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças e o projeto curricular de grupo. A progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiadores e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados.*

Zabalza (1992) diz que *tudo o que a criança faz/aprende, sucede num ambiente, num espaço cujas características afetam a conduta ou aprendizagem.* Verifica-se que o comportamento se altera quando o ambiente é modificado. Basta haver uma mudança na disposição dos materiais e equipamentos da sala para influenciar a criança a diversificar a sua brincadeira. Nesta linha de pensamento, será sempre importante o educador ser o agente atento que reflete sobre o todo o espaço em que a criança se insira, alterando-o sempre que verifique a sua necessidade, tornando-o estimulante e diversificado de modo a proporcionar oportunidades de novas experiências e aprendizagens.

Para Fernandes.P (2006), o espaço educativo, reflete toda a filosofia educativa praticada e desenvolvida pois é nele que se desenvolvem as interações entre adultos (equipa educativa e famílias). Para este autor, a sala de atividades deverá ser encarada pelos adultos e crianças como um espaço de coabitação escolar e, como tal, tem de ser equipada e decorada com equipamentos específicos dum espaço educativo para crianças. Será necessário obter material de carácter personalizado que complementem a heterogeneidade existente, estimulando abertura do *diálogo intercultural, à interação e à valorização do encontro de diferentes, tornando-se esse espaço um terreno fértil para a construção e desenvolvimento do sentido de alteridade e, com ele implicado, o sentido de si mesmo.*

Ao nível do estímulo para o desenvolvimento das capacidades da criança é importante que o ambiente esteja organizado e que transmita mensagens de forma clara para que a criança entenda. Quando o ambiente educativo necessita de alterações, é, pois, necessário adaptar os contextos lúdicos aos seus interesses e necessidades do grupo de crianças. Estas, enquanto seres construtores do seu conhecimento pela ação, necessitam de espaço para realizar os seus atos e aprenderem com os mesmos, entendendo que a organização do espaço *(...) reflete a crença de que as crianças aprendem melhor num ambiente estimulante, mas organizado, no qual podem fazer escolhas e agir sobre elas* (Hohmann, Banet & Weikart, 1995, p. 51).

Segundo estes autores, é fundamental que as crianças sejam incluídas no processo de mudança da sala durante o ano, pelo facto de estas serem capazes de ajudar nos momentos de decisão sobre o local mais adequado para a colocação e disposição dos novos materiais e equipamentos, assim como serem envolvidas durante o processo de etiquetagem dos mesmos, proporcionando momentos de comunicação aberta entre as crianças e os adultos sobre as diferenças existentes no espaço e realizando comparações com a sala como estava antes e depois das alterações realizadas .

Segundo Hohmann & Weikart (2009), *as crianças envolvem-se na aprendizagem ativa quando estas se encontram inseridas num ambiente em que podem realizar as suas explorações e manipulações do material existente no espaço, conversando sobre os mesmos com os colegas, bem como com os adultos que, sentindo-se apoiadas pelos mesmos, mantêm um nível satisfatório de motivação para a concretização das suas ideias, de uma forma entusiasmada.*

Nesta perspetiva, a organização do espaço permite que as crianças tenham iniciativa, enquadrando-as assim numa aprendizagem ativa, sendo capazes de iniciar, construir e descobrir soluções nas suas brincadeiras. Este facto contribui para que a criança construa progressivamente a sua autonomia. No entanto, para que o espaço físico se constitua como *promotor do desenvolvimento da criança, deve em primeiro lugar oferecer oportunidades para a exploração, mas ao mesmo tempo fazer a criança sentir-se segura para que queira agir sobre ele e assim dê oportunidade a que a aprendizagem aconteça* (Serrano, 2018, p. 24).

Para que haja autenticidade na aprendizagem ativa e construtiva o educador deve oferecer às crianças espaços distintos e materiais estimulantes que promovam a curiosidade e a imaginação, promovendo sempre a atividade de manipulação e exploração. Não obstante, Zabalza, 1998, p. 263 afirmam que o espaço deve estar *incompleto o bastante para que [a criança] se aproprie e transforme esse espaço pela sua atuação*, uma vez que *a construção do conhecimento é um processo ativo que a criança realiza e que envolve a sua atuação direta sobre a realidade e a elaboração de interpretações sobre os aspetos que deseja conhecer.*

Ao haver um espaço que seja planeado de modo a que o equipamento seja adequado à faixa etária das crianças existe, por parte das mesmas, *um sentimento de domínio e de controlo sob o espaço físico no qual passam grande parte do seu dia a dia* (Post & Hohmann, 2003). Neste sentido, Oliveira-Formosinho (2013, p. 32) afirma que, ao ter estas condições necessárias acima referidas, *a qualidade do ambiente educativo pode tornar-se num segundo educador.*

Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens.

A organização do espaço da sala é a expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interroge sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização. A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo. Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças.

Podemos então reconhecer que o conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e como pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.

A importância dos materiais na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças e o projeto curricular de grupo. A progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará, inevitavelmente, à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiadores e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados ou observados pelo adulto. De acordo com os autores já referidos anteriormente, acreditamos que a escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético. A utilização de material reutilizável (caixas de diferentes tamanhos, bocados de canos, interior de embalagens, bocados de tecidos, pedaços de madeira, fios, etc.), bem como material natural (pedras, folhas sementes, paus) podem proporcionar inúmeras aprendizagens e incentivar a criatividade, contribuindo ainda para a consciência ecológica e facilitando a colaboração com os pais/famílias e a comunidade.

Na organização deste espaço não pode ainda ser descurada a forma como são utilizadas as paredes. O que está exposto constitui uma forma de comunicação, que sendo representativa dos processos desenvolvidos, os torna visíveis tanto para crianças como para adultos. Por isso, a sua apresentação deve ser partilhada com as crianças e corresponder a preocupações estéticas.

## **2.Organização do Espaço em Educação Pré-escolar - Movimento da Escola Moderna**

O modelo pedagógico do MEM propõe três grandes finalidades: 1) iniciação às práticas democráticas; 2) reinstituição dos valores e das significações sociais; 3) a reconstrução cooperada da cultura (Niza & Martins,1998). Estas finalidades assentam em condições fundamentais a serem tidas em conta, ao nível da escola e na sala de atividades pelos educadores: 1) Grupos de crianças de idades variadas; 2) Existência de um clima em que se privilegia a expressão livre; e 3) Proporcionar às crianças tempo para brincar, explorar e descobrir.

A primeira condição implica que a escola constitua grupos com crianças de diferentes idades com o objetivo de um enriquecimento cognitivo e social das crianças. Esta condição baseia-se na teoria de Vigotsky (Folque, M. 1999) no conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP), na medida em que o contacto das crianças com adultos ou pares mais avançados, é promotor de aprendizagem. Espera assim que as crianças mais novas sejam integradas no grupo e na organização da sala pelos mais velhos.

A segunda condição, está relacionada com a necessidade da existência de um clima em que se privilegia a expressão livre, reforçada por uma validação pública no grupo, das opiniões das crianças, das suas experiências e ideias. Assim, a construção do saber das crianças faz-se a partir da expressão livre dos seus interesses e saberes.

A terceira condição implica a existência de um carácter lúdico na exploração das ideias, dos materiais e documentos para que o questionamento, a interrogação possa surgir. Assim as crianças serão capazes de ativamente se envolverem e tentarem compreender o mundo que as rodeia.

Deste modo, O MEM pensa a escola como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural (Niza & Martins, 1998, p.141).

Na linha de pensamento anteriormente apresentada, a organização do espaço e dos materiais, na sala de atividades assume uma importância crucial, pois a sua qualidade está diretamente relacionada com o trabalho e com as interações que naturalmente acontecem. *A organização da sala de aula é vista como a estrutura básica que fornece as oportunidades para os alunos aprenderem* (Folque, M. 1999. p.8)

Neste sentido, para Niza e Martins (1998, p. 146) o trabalho com as crianças *desenvolve-se a partir de um conjunto de seis áreas básicas de atividades, distribuídas à volta da sala e de uma área central polivalente para trabalho coletivo. Nos Jardins de Infância que não dispõem de cozinha acessível às crianças, organiza-se, também, uma área para cultura e educação alimentar.*

As áreas básicas são: biblioteca e documentação; oficina de escrita e reprodução; laboratório de ciências e experiências; carpintaria e construções; atividades plásticas e outras expressões artísticas; brinquedos, jogos e “faz de conta”.

Cada uma das áreas referidas deve aproximar-se o mais possível dos espaços sociais originais e utilizar os materiais autênticos, com exceção, naturalmente, do centro dos brinquedos como área de jogo e “faz de conta”. Os objetos em miniatura deverão ser evitados pela sua condição infantilizante.

Os autores acima (1998), referido afirma ainda que *o ambiente geral da sala deve resultar agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças onde rotativamente se revêm nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria ou texto. Será também numa das paredes, de preferência perto do quadro preto à sua altura, que as crianças poderão encontrar todo o conjunto de mapas de registo que ajudem a planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada por elas. (ibidem. p.148).*

### **3. O papel do educador na organização do espaço**

O modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna propõe e realça o papel do grupo com um agente provocador do desenvolvimento intelectual, moral e cívico com uma forte ligação ao quotidiano. Esta ligação dá um maior significado à Escola e vai proporcionar a aprendizagem através de desafios baseados nos problemas dos grupos e da comunidade.

A aprendizagem é impulsionada mais pelo grupo do que pelo educador ou por cada criança individualmente. Comunicação e trocas entre o educador e as crianças e entre as crianças, são uma maneira de construir a aprendizagem através de processos cooperativos, *todos ensinam e todos aprendem* (Niza & Martins, 1998), sendo a aprendizagem individual, sistematicamente estendida a todo o grupo, onde as crianças são encorajadas a comunicar através de momentos de tapete ou no tempo de Contar, Mostrar ou Escrever. Niza defende ainda que a escola tem como principal papel, proporcionar uma aprendizagem que tenha um significado social, através de uma troca de conhecimentos, numa interação constante com a comunidade. As atividades do jardim de infância têm um significado funcional ao constituírem-se como algo que interessa e é útil para o grupo no seu contexto sociocultural.

Numa forte ligação com a comunidade, as crianças multiplicam as suas fontes de informação, e têm oportunidades de nela intervir, na procura e resolução de problemas.

Entendemos que o papel do educador passa por ser o responsável pela organização do espaço e dos materiais, o que inclui planear o ambiente e as atividades, monitorizar o trabalho das crianças e avaliar. Esta ideia é corroborada por Niza (1998) que, tal como já referido aquando do enquadramento teórico sobre o MEM, defende que o poder da tomada de decisões e sua regulação é partilhado pelo grupo, onde a prática democrática de organização partilhada é estabelecida em conselho cooperativo. Esta engloba todos os aspetos da vida escolar desde o planeamento de atividades e projetos, até a sua realização e avaliação cooperativa. As crianças são desde logo iniciadas na utilização dos instrumentos e em práticas de planificação e avaliação que permitem que este processo aconteça.

Segundo Folque, M. (1999), os educadores/professores *das turmas MEM têm um papel activo. São agentes cívicos e morais num contexto de vida democrática. O papel do professor é promover uma organização participativa, a cooperação e a cidadania democrática, ouvindo e encorajando a liberdade de expressão, as atitudes críticas, a autonomia e a responsabilidade.*

Numa pedagogia ativa o educador considera que cabe a si guiar a criança facilitando-lhe assim, uma aprendizagem que envolva mais a sua participação. O educador deve encorajar a troca de conhecimentos e vivências pessoais, bem como culturais, despertando na criança uma motivação intrínseca para a sua aprendizagem. Ao incutir o sentido cooperativo, a criatividade, bem como autonomia, o educador desenvolve uma participação democrática, obtendo um modelo de interação recíproca. Sendo uma constante preocupação a formação do indivíduo com espírito crítico e inovador, sendo capaz de intervir sem hesitações-escola construtiva.

Segundo o decreto-lei 241/2001, no âmbito da organização do ambiente educativo, o educador de infância: “a) Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; b) Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança”.

#### 4. Aprendizagem e desenvolvimento na criança em idade pré-escolar

Em educação de infância, não se pode dissociar desenvolvimento e aprendizagem, pois a aprendizagem influencia e é influenciada pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico da criança, sendo que neste período da vida tudo acontece de forma muito rápida.

Nesta fase, tanto *as relações e as interações que a criança estabelece com adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento* (Silva, 2016, p.9).

Se por um lado, o desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social, por outro, para haver aprendizagem é necessário que o indivíduo/criança tenha atingido determinado nível de desenvolvimento e, à medida que o indivíduo aprende, vão ocorrendo mudanças progressivas e cumulativas na sua estrutura, pensamento e comportamento que estimulam o seu processo de desenvolvimento (Dias,I; Correias, S., 2012,p.1-10).

Deste modo, a aprendizagem surge como a capacidade original, progressiva e contínua que o ser humano tem de se adaptar ao meio ambiente, acompanhando-o ao longo da sua vida e exigindo da sua parte motivação e atividade. Pinto (1992, p. 16) resume a aprendizagem como *o processo responsável pela transformação de um estado inicial (...) num estado final (...) através da experiência*. Desta forma, pode-se considerar a aprendizagem como a capacidade para adquirir conhecimentos, capacidades, atitudes que levam à modificação relativamente permanente do comportamento e que resultam da prática ou da experiência (Rafael, 2005), enquanto que desenvolvimento é um processo que resulta de mudanças (cognitivas, linguísticas, afetivas, motoras, sociais) que vão ocorrendo ao longo da vida do sujeito (desde a conceção até à morte).

Para autores como Bruner, 1996; Carrara, 2004; Dalberg, Moss, & Pence, 2003 (cit. por Dias, I; Correias, S., 2012) *a aprendizagem é uma construção pessoal, que só o próprio indivíduo pode fazer, resultando de processos de interação, de atividades colaborativas e comunicativas com o ambiente que envolve a criança/sujeito de ação*.

A interligação entre o património genético de cada criança, o seu processo de maturação biológica e as experiências de aprendizagem vividas, faz de cada uma delas, um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender, sendo importante considerar as

normas do desenvolvimento estabelecidas ou as aprendizagens esperadas para uma determinada faixa etária/idade como referências que permitem situar um percurso individual e singular de desenvolvimento e aprendizagem.

Para Silva (2016 p.21), a criança tem dois contextos em que poderá desenvolver as aprendizagens, um é em contexto escolar e outro é no seu ambiente familiar. Em contexto escolar, existe uma intencionalidade educativa, em que todo o ambiente educativo é planificado para culturalmente enriquecer e estimular a criança, bem como desenvolver um processo pedagógico, em que as diferentes experiências têm uma intencionalidade de se ligarem entre si. O ambiente familiar apresenta práticas educativas e cultura própria que influenciam igualmente o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Deste modo, ambos os contextos devem ser reconhecidos como importantes para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem.

### III. METODOLOGIA

#### 1. Objeto de Estudo, Pergunta e Questões de Partida e Objetivos do estudo

Tendo em conta que desenvolvemos a Prática Supervisionada numa sala de atividades da Educação Pré-Escolar, de uma instituição educativa, durante 300h, optámos por aí realizar também a nossa investigação, tendo como objeto de estudo a organização do espaço e dos materiais na sala de atividades do pré-escolar.

Assim, tal como já foi mencionado na Introdução deste trabalho, apresentamos a seguinte questão de partida:

A organização do espaço e dos materiais contribuem para o desenvolvimento de aprendizagens nas crianças, em idade Pré-Escolar?

Tendo em conta o acima referido, a presente investigação terá como **objetivos:**

- Perceber quem participa na definição dos espaços e dos materiais existentes na sala.
- Perceber a importância que a educadora atribui à organização do espaço e dos materiais, na sua prática.
- Compreender de que forma as crianças se apropriam dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades.
- Perceber como evolui a organização do espaço e dos materiais na sala, ao longo do ano letivo.
- Perceber se as atividades propostas às crianças têm em conta a organização do espaço.

## 2. Investigação qualitativa e Estudo de caso

Bogdan e Biklen (1994), referem, que a abordagem qualitativa *é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais* (p.11).

Estes autores referem a existência de cinco características, que poderão estar presentes na sua totalidade, da metodologia qualitativa:

1. A principal fonte de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal (p.48);
2. A investigação qualitativa é descritiva (p.48.);
3. O processo é mais interessante que o resultado ou o produto final (p.49);
4. Os dados tendem a ser analisados de forma indutiva (p.50).
5. O significado é de importância vital no enfoque qualitativo (p.50)

Tendo em conta o anteriormente descrito, consideramos que esta investigação se enquadra numa metodologia qualitativa, sendo um estudo de caso.

Segundo o professor João Pedro da Ponte (1994),

*Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico* (p.2).

Neste contexto, a presente investigação enquadra-se em uma metodologia de natureza qualitativa, incidindo sobre um Estudo de Caso, já que se debruça sobre uma sala de atividades em concreto – sala de atividades de Educação Pré-Escolar, tirando partido de três fontes de Informação (documentos estruturantes - Projeto Educativo da Instituição e Projeto Curricular de Sala, entrevista à responsável de sala/educadora, e documentos como o Diário de bordo, registo de conversas informais e reflexões cooperadas realizadas pela investigadora aquando do seu estágio na sala em questão.

O Estudo de Caso consiste na observação de um contexto, ou individualmente, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Memiam, 1988 cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p.89).

A atual investigação configura-se um estudo de caso, dado que a investigadora começou por recolher dados, revendo-os e explorando-os, e foi tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. À medida que foi conhecendo melhor o tema em estudo, os planos foram modificados e as estratégias selecionadas. Delimitando-se assim, a área de trabalho.

### **3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

#### **3.1. Consulta documental**

Bogdan e Biklen (1994) distinguem dois tipos de documentos: os pessoais e os oficiais. Os documentos pessoais referem-se *a qualquer narrativa feita na primeira pessoa que descreva ações, experiências e crenças do indivíduo* (Plummer, 1983; Taylor e Bogdan, 1984, cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p. 177). Os documentos oficiais dizem respeito às perspetivas organizacionais das instituições. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 180) *nestes documentos os investigadores podem ter acesso à “perspetiva oficial”, bem como às várias maneiras como o pessoal da escola comunica. Muito do que chamamos documentos oficiais está facilmente disponível para o investigador.*

Nesta investigação, a consulta recaiu sobre os documentos oficiais da instituição, nomeadamente sobre o projeto Educativo e sobre o projeto Curricular de Grupo, sendo através destes documentos que os investigadores conseguiram aceder aos princípios pedagógicos pelos quais se rege a instituição e as práticas educativas desenvolvidas por cada profissional de educação. Estes documentos foram facultados pela educadora cooperante, em formato digital.

Ao procedermos à leitura atenta seguida da respetiva reflexão crítica dos documentos institucionais foi-nos possível compreender os princípios e modelo pedagógico da instituição, bem como a relação que esta pretende instituir entre os espaços e materiais e as aprendizagens das crianças.

Uma primeira análise destes documentos foi realizada para se elaborarem os pontos 1 e 2 deste relatório, podendo esta informação ser também mobilizada para a análise e discussão dos dados.

### 3.2. Observação participante

Carmo e Ferreira, (1998, p.97) dizem que *observar é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.*

Lessard, Goyette, Boutin (1990, p.155) referem que *a observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social que, à partida lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente nas atividades das pessoas que nele vivem.*

Considerando que o investigador permaneceu na instituição com o papel de estagiário, coube ao mesmo tentar um equilíbrio entre a participação e a observação, sendo a manutenção deste equilíbrio uma dificuldade, à qual acresceu o facto de nem sempre ter conseguido observar tudo aquilo que o rodeava. Segundo Parente (2012, p. 8) *o processo de observação não se limita ao ato de ver e registar [...] envolve a análise, interpretação e uma reflexão cuidada sobre as diversas evidências acumuladas.* Nesta perspetiva, a presente investigação teve origem em observações que realizámos, em contexto de estágio, as quais foram registadas sob a forma de notas de campo que se analisaram e interpretaram, originando o tema do projeto de investigação, constituindo estas observações a fase *exploratória* (Ketele, J. e Roegiers, X. p.26) do nosso estudo.

Ao longo do estágio realizaram-se novas observações, também estas registadas sob a forma de notas de campo e que foram importantes para fundamentar o estudo em questão.

Pertinente será referir que consideramos a “Observação”, realizada enquanto participantes no processo educativo, como uma importante ferramenta que nos permitirá, com base nas notas de campo, refletir sobre as práticas e dinâmicas de sala, melhorando-as.

Bogdan e Biklen (1994, p. 150), referem que notas de campo são

*o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo. Estas devem captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas e serem (...) o melhor esforço do investigador para registar objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo.*

### 3.3. A entrevista

As entrevistas são, na perspetiva de Morgan *conversas intencionais entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas* (cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p.134), tendo estas conversas o intuito de obter informações específicas sobre o entrevistado. Também é uma conversa intencional porque se sustenta em objetivos específicos determinados pelo investigador e que surgem pela necessidade que este sente *de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus atos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo* [que só] *é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos ao longo da mesma* (Aires, 2011, p. 29).

Na perspetiva de Bogdan e Biklen (1994, p. 134) *a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo*. No seguimento desta linha de pensamento, as entrevistas podem ser usadas de duas formas: *como uma estratégia para a recolha de dados ou em conjunto com outras técnicas de recolha de material empírico* (Bogdan & Biklen, 1994).

As técnicas de recolha de informação, como por exemplo a entrevista serviram de apoio à presente investigação. Segundo os autores Quivy e Campenhoudt (2005, p.69) a entrevista é a técnica mais adaptada para a análise do sentido que os autores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), as entrevistas, apesar de partirem de um guião elaborado pelo entrevistador, permitem que o entrevistado tenha alguma independência para desenvolver as suas respostas de acordo com o sentido que considere adequado, apresentando a oportunidade de explorar os aspetos que considere mais relevantes de uma forma flexível e aprofundada.

Para uma melhor orientação da entrevista, considerámos pertinente elaborar um guião com aspetos a abordar para melhor respondermos às perguntas de partida.

Na elaboração do guião, Guerra (2008, p.53) considera que o aspeto mais importante é *a clarificação dos objetivos e dimensões de análise que a entrevista comporta* sugerindo assim que este deve ser elaborado em função dos objetivos decorrentes da problematização do estudo.

Neste estudo, optámos por realizar uma única entrevista à educadora cooperante/responsável da sala do Pré-escolar, pois considerámos pertinente recolher dados relativos à experiência pessoal da responsável da sala e sobre aquilo que pensa em relação ao assunto em estudo. Dado que a entrevista decorreu no período de confinamento, devido ao COVID19, a mesma foi realizada de forma telemática através da plataforma *Zoom*, no dia 27 de março de 2020, às 15h, tendo a duração de aproximadamente 45 minutos. Teve como base o guião previamente elaborado (Apêndice 4).

A entrevista decorreu num ambiente agradável, sem interrupções. À medida que a entrevistada respondia às perguntas, a entrevistadora tomava notas, as quais foram organizadas posteriormente e reenviadas à entrevistada para que verificasse se estavam conforme o que pretendeu dizer. Esta completou algumas ideias.

## **IV. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O presente estudo tem como objeto a organização do espaço e dos materiais na sala de atividades do pré-escolar, como já foi referido no Capítulo III – ponto 1. Tendo em conta as questões de partida, elegeram-se para análise ao respetivo conteúdo a entrevista à educadora responsável de sala, o projeto educativo e o projeto Curricular de grupo e algumas das notas de campo obtidas no período de Prática Supervisionada.

### **4.1. Análise de Conteúdo da Entrevista**

Bogdan e Biklen (1994), consideram que a análise de dados:

*consiste num processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados [pelo investigador], com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou (p. 205).*

Tendo em atenção que realizámos somente uma entrevista, optámos por selecionar para cada pergunta como resposta, os excertos de texto pertinentes para responder à mesma e aos objetivos da pesquisa. A transcrição integral da entrevista encontra-se no apêndice E.

Apresentamos em seguida a análise de conteúdo da entrevista.

Tabela 1-Discurso da Educadora Cooperante

Designação de Blocos	Objetivos	Formulário de pesquisa	Excerto de Respostas
<u>Bloco B</u> Dados identificativos do entrevistado	Conhecer o entrevistado	Qual a sua idade? Quais são as suas habilitações académicas?  Quantos anos tem de serviço como educadora?  Há quantos anos está ao serviço desta instituição?  Qual é a faixa etária com que trabalha este ano?	“37” “Licenciatura em Educação de Infância, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa -2001/2005.” “A trabalhar no ativo desde setembro de 2005.”  “4anos.” “Este ano estou a trabalhar com um grupo vertical 3,4,5 (como o MEM) defende.”
<u>Bloco C</u> Organização do Espaço e materiais na aprendizagem das crianças	Compreender a conceção da educadora no que respeita à influência que o espaço assume no desenvolvimento e aprendizagem das crianças	Qual a importância que atribui à organização do espaço na sua intervenção com as crianças?	“Para mim é fundamental que o espaço e os materiais que se encontram na sala sejam e estejam totalmente ao alcance das crianças.”  (...) Assim, como para mim faz sentido que o espaço e que os materiais respondam, em primeiro lugar, às necessidades e interesses das crianças é-me muito natural repensar e reorganizar a disposição da sala ao longo do ano, bem como os materiais afetos a cada uma das áreas. Se observo que há uma área pouco procurada tento, em conversa com a equipa e com o grupo, perceber se é um problema de espaço (...)
		Na sua opinião, a organização dos espaços tem influência na aprendizagem das crianças? Porquê?	“Creio que a organização dos espaços poderá ter influência na aprendizagem das crianças se a disposição da sala e respetivas áreas não for, também para elas, apelativa e clara. Uma sala onde tudo se parece amontoar, onde não se percebe bem onde acaba e começa outra área, onde uma mesma mesa serve de apoio a duas áreas distintas, por exemplo, é uma sala confusa onde as próprias crianças terão dificuldade em orientar-se. Para que a aprendizagem tenha lugar, para que em cada área as crianças possam escolher e realizar atividades significativas é necessário que a sala se organize em espaços que se distingam uns dos outros pela oportunidade que apresentam.”  “ao definirmos todos juntos o que se pode fazer em cada área, as crianças são mais autónomas na eleição de atividades porque conhecem os espaços e materiais disponíveis e fizeram parte dessa regulação coletiva. Assim, ao fazerem as atividades de acordo com o combinado estão a corresponder aos objetivos previamente delineados e a conseguirem atingir metas de aprendizagem ao utilizarem de forma apropriada o espaço e os materiais.”
		De que forma é que isso acontece?	(...) importante fazer uma espécie de inventário de atividades possíveis em cada um dos espaços com as crianças, para que elas sejam coautoras das intenções específicas de cada área e de qual o uso apropriado dos

			<p>materiais nelas existente. Ao definirmos todos juntos o que se pode fazer em cada área, as crianças são mais autónomas na eleição de atividades porque conhecem os espaços e materiais disponíveis e fizeram parte dessa regulação coletiva. Assim, ao fazerem as atividades de acordo com o combinado estão a corresponder aos objetivos previamente delineados e a conseguirem atingir metas de aprendizagem ao utilizarem de forma apropriada o espaço e os materiais.”</p>
		De que forma, as crianças participam na organização da sala?	<p>“(…) as crianças são convidadas a repensar a organização da sala sempre que necessário. Se há uma área menos escolhida importa perceber com elas porquê e reformulá-la ou dispô-la noutra sítio. Além disso, sempre que chega à sala um novo material ou uma sugestão que as crianças desejam incluir no espaço, a sua opinião sobre a forma como vamos reorganizar o espaço para poder acolher essas novidades é, sempre que possível, ponderada e acolhida também.”</p>
	Recolher informações sobre as conceções da educadora no que respeita a organização da sala.	Quando organiza o espaço quais são os aspetos que considera fundamentais?	<p>“Faço sempre um esforço para poder como que delinear um espaço visível para cada uma das áreas, criando formas de torná-las espaços independentes e que não se misturam nem se confundem.”</p> <p>“(…) tento o mais possível que as áreas mais calmas sejam “vizinhas” umas das outras e que as áreas mais sujas/barulhentas estejam dispostas da mesma maneira. Ou seja, tento nunca colocar na proximidade imediata uma Biblioteca e uma Área das Construções.”</p> <p>“Gosto de, sempre que possível, colocar junto da janela as áreas da Biblioteca e da Escrita e a Área Polivalente, vulgo tapete, numa zona que seja mais central.”</p>
		Como inicia esse processo?	<p>“(…) Olho para o espaço, para o mobiliário de que disponho e tento imaginar de que forma ficariam melhor, de acordo com tudo o que explicitiei anteriormente. Regra geral, esta primeira organização é feita com a Equipa da sala. Esta equipa sou eu e a auxiliar. O que fazemos é ver quais as crianças que nos acompanharão e refletimos sobre os espaços que tivemos e como funcionaram, vimos o que funcionou e que não correu bem e a partir daí decidimos que espaços vamos organizar e a disposição deles e o que cada um vai ter em termos de materiais.”</p> <p>“Como tenho uma franca e péssima inteligência espacial, muitas vezes rabisco plantas para ajudar à visualização. Esta primeira disposição é sempre feita com a certeza de que só depois de as crianças lá estarem é que se perceberá se funciona ou não e se serão necessárias alterações!”</p>
<b>Bloco D</b> Representação de si enquanto planificadora do ambiente educativo	Compreender as intencionalidades educativas das educadoras	Ao longo do ano a organização do espaço é sempre a mesma?	<p>“Nunca!!! (..) quando deixo a sala preparada em agosto sei, de certeza, que mais cedo ou mais tarde ela sofrerá alterações depois do ano letivo começar em setembro!”</p> <p>(..) E para mim é quase certo que haverá mudanças depois de o ano letivo começar!”</p>

	<p>referente à disposição do espaço</p>	<p>O que pode influenciar para que ocorram mudanças na organização espaço?</p>	<p>“As crianças e a forma como vivem dentro da sala, como organizam as suas brincadeiras e como interagem nas suas atividades diárias vão dizer-nos muito sobre a forma como organizámos o espaço e dispusemos os materiais!”</p> <p>“(…) fatores inesperados podem despoletar essa necessidade de mudança e não podemos simplesmente ignorá-los e manter tudo na mesma, de setembro a julho!”</p> <p>“(…) já aconteceu termos de arranjar espaço para acolher um Cantinho da Calma, por sugestão das crianças, entusiasmadas pela partilha de uma delas. (…)”</p> <p>“(…) A mercearia deu novamente lugar ao cenário da Casinha e por causa dessa mudança e porque em Equipa percebemos que havia áreas confusas na forma como tínhamos disposto algumas áreas, trocámos a disposição de toda a sala.”</p> <p>“(…) fatores inesperados [que] podem despoletar essa necessidade de mudança e não podemos simplesmente ignorá-los e manter tudo na mesma, de setembro a julho!”</p> <p>“(…) percebemos que havia áreas confusas na forma como tínhamos disposto algumas áreas, trocámos a disposição de toda a sala.”</p> <p>“Este ano, por exemplo, já aconteceu termos de arranjar espaço para acolher um Cantinho da Calma, por sugestão das crianças, entusiasmadas pela partilha de uma delas. O ano passado o faz-de-conta mudou várias vezes de cenário.”</p> <p>“Se observo que há uma área pouco procurada tento, em conversa com a equipa e com o grupo, perceber se é um problema de espaço (se é complicado lá ir, e está muito escondida, etc) ou um problema de materiais (se são os mesmos há muito tempo, falta de novidades e desafios, etc)”</p>
		<p>Do ponto de vista pedagógico, que regras julga necessárias explicitar com as crianças para que haja harmonia no funcionamento das áreas?</p>	<p>“(…) Tenho sempre o cuidado de identificar cada uma das Áreas através de suporte escrito e, depois de algumas semanas, conversar com o grupo e serem eles a definir quantas crianças poderão estar em simultâneo em cada área. (…)”</p> <p>“(…) essa regra surge de uma necessidade sentida pelas crianças quando sentem que há muitos conflitos pela permanência em simultâneo de um número exagerado de crianças para determinado espaço. (…)”</p> <p>“(…) quando há incumprimentos são as próprias crianças a corrigirem-se umas às outras, exatamente porque se sentem proprietárias dessa regra e a intervenção do adulto é muito menos requisitada para a resolução deste tipo de conflito.”</p> <p>“(…) Para mim é fundamental que o espaço e os materiais que se encontram na sala sejam e estejam totalmente ao</p>

			alcance das crianças. Não pode haver sítios “proibidos” ou materiais onde não se pode mexer! Onde eles couberem é porque lá podem estar e onde eles chegarem é porque podem mexer! (...)”
		Quais são as principais dificuldades sentidas em relação ao trabalho de organização do espaço?	<p>“Eu precisaria sempre de mais espaço! “Uma sala maior, sem dúvida, para áreas mais amplas onde os materiais também poderiam ser mais e dispostos de outra forma!... Para além disso, o mobiliário disponível também tem sempre um peso enorme nesta organização e às vezes também acho que me faltam móveis para poder ter as coisas todas como eu mais gostaria, de acordo com tudo o que referi anteriormente! (...)”</p> <p>“(...) entra em ação a imaginação e a possibilidade de reutilização de materiais variados e que muitas vezes trago para a sala com fim ao melhoramento de alguma questão!”</p>

#### 4.1.1. Análise do discurso da educadora

Através dos dados recolhidos através do discurso da educadora, passámos a conhecê-la um pouco melhor, nomeadamente que tem 37 anos de idade, exercendo a sua profissão há 15 anos. Este ano letivo, trabalha com um grupo vertical de 3, 4 e 5 anos, como o Movimento da Escola Moderna defende.

A organização do espaço e a seleção dos materiais de cada uma das áreas deve responder, segundo a educadora, em primeiro lugar, às necessidades e interesses das crianças. Para ela, é fundamental que a organização destes espaços e dos materiais correspondentes, esteja ao alcance das crianças. Considera também ser natural, ao longo do ano letivo, repensar e consequentemente reorganizar os espaços e materiais com a sua equipa e com o grupo de crianças, quando presente que as áreas não estão a funcionar devidamente.

Segundo a educadora, a aprendizagem das crianças está diretamente relacionada com a possibilidade de estas poderem escolher e realizar atividades significativas nos vários espaços/áreas, mobilizando diferentes materiais. Para que isso aconteça, a disposição das áreas na sala deve ser apelativa e devem-se distinguir claramente umas das outras para as crianças se orientarem, indicando este como um aspeto fundamental na organização do espaço.

A educadora salienta também que é o envolvimento/participação das crianças, na construção de cada espaço físico e na elaboração das regras de utilização de cada um deles, que lhes possibilita a utilização desses mesmos espaços e dos materiais correspondentes com autonomia face ao adulto. Para tal, afirma a educadora que é importante fazer uma espécie de inventário de atividades possíveis em cada um dos espaços com as crianças, para que elas

sejam coautoras das intenções específicas de cada área e de qual o uso apropriado dos materiais nelas existentes. Este envolvimento das crianças acontece também sob a forma de conversas da educadora com o grupo, motivadas por ela própria ou por alguma criança, despoletadas pelo funcionamento inadequado de alguma área, pela introdução de um novo material ou pela sugestão de uma nova atividade.

Para iniciar o processo de organização do espaço da sala de atividades, a educadora socorre-se da sua experiência prática, tentando imaginar como a disposição das áreas funcionaria melhor. No entanto, diz a educadora, a primeira organização da sala é realizada pela Equipa Pedagógica (educadora e auxiliar), após a avaliação do ano letivo que termina e tendo em conta o grupo que vai ter na sala no ano seguinte. De qualquer modo salienta que tenta sempre que áreas calmas se mantenham contíguas e separadas das áreas mais “barulhentas”, como a das construções. Refere mesmo que gosta de colocar junto às janelas as áreas da Biblioteca e da Escrita e, a área polivalente, numa zona central.

Não obstante o que refere anteriormente, a educadora diz saber que a organização do espaço nunca é a mesma ao longo do ano letivo.

A respeito dos fatores de mudança, a educadora revela que estes poderão ser inesperados e, portanto, não controlados pela equipa pedagógica ou surgirem a partir da observação do comportamento das crianças quando exploram os espaços e os materiais que lhes correspondem. Podem ainda emergir das vivências das crianças e suas opiniões sobre o que fazem, como fazem e condições em que fazem ou das próprias reflexões da equipa pedagógica sobre o seu trabalho e como forma de melhorar as aprendizagens do grupo e de cada criança.

Quanto às regras de funcionamento/utilização das áreas, a educadora menciona que começa por identificar cada uma delas através de suporte escrito, mas que após algum tempo de utilização das mesmas pelas crianças, define com elas regras, como o número de utilizadores em simultâneo. Esta regra surge da necessidade sentida pelas crianças quando há um grande número a utilizar o mesmo espaço, não permitindo o seu adequado funcionamento. Desta forma, segundo a educadora, as crianças apropriam-se das regras e são elas próprias a gerir os incumprimentos, verificando-se menor necessidade de intervenção do adulto.

As principais dificuldades na organização do espaço e dos materiais em sala de atividades, apresentadas pela educadora, prendem-se com a necessidade de maior área total da sala, para que as áreas de atividades pudessem ser também maiores e os materiais dispostos de outra forma. Esta dificuldade prende-se por sua vez também com a necessidade de cada sala possuir mobiliário apropriado, de forma a dispor os materiais de forma visível, organizada e

passível de serem usados sem a intervenção do adulto, possibilitando a realização de atividades significativas que contribuem para o seu desenvolvimento e para a sua aprendizagem.

## 4.2. Análise das notas de campo

Para realizarmos a análise das notas de campo utilizamos como grandes eixos de análise os objetivos da investigação.

Tabela 2-Análise das notas de campo

Objetivos	Observações (notas de campo)
<p><b>Perceber quais são os intervenientes na definição do espaço e dos materiais.</b></p>	<p>“(…) em agosto, a equipa pedagógica da instituição, organiza a sua sala conforme o espaço e material nela existente. Como todos os anos quer o grupo quer a educadora muda de sala, há materiais de algumas áreas (que são construídas pelas crianças e que pertencem à educadora) vão acompanhando a educadora e o grupo. (…)”</p>
<p><b>Compreender de que forma as crianças se apropriam dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades.</b></p>	<p>“início do ano deixamos a sala aberta para eles explorarem livremente, brincando. As regras surgem depois, bem como a identificação das áreas”.</p> <p>“Em relação aos instrumentos de pilotagem que usamos no MEM, o único que é exposto desde o início é o mapa de presenças. Os outros mapas vão surgindo gradualmente, consoante as atividades desenvolvidas, para surgir o mapa seguinte “</p> <p>“Através do mapa de atividades, eles conseguem organizar o seu tempo de brincadeira nas diversas áreas da sala. Assim conseguem ter tempo de brincar e ter o tempo de trabalho autónomo. Neste tempo trabalham de acordo com os inventários que já foram discutidos e construídos com o grupo, de acordo com as suas necessidades e das orientações curriculares do pré-escolar.</p> <p>Os inventários são registos escritos/desenhados dos materiais existentes em cada área e que atividades se podem fazer com eles. Cada área tem o seu inventário afixado na parede.”</p>

**Perceber a importância que a educadora atribui à organização do espaço e dos materiais na sua prática pedagógica.**

“(…) formas de torná-las [áreas] espaços independentes e que não se misturam nem se confundem. Ou seja, disponho as áreas de forma a que seja fácil e perceptível a sua identificação, mesmo sem um suporte escrito que as identifique.”

“(…) como este até é um grupo muito calmo em que os meninos, que são quem costuma vir mais para a área das construções, têm mais a preferência pela área da matemática, achei que não havia qualquer problema [em colocar a área polivalente junto à área da matemática]”

“(…) na área da expressão plástica existem diversos materiais de suporte à pintura, ao desenho, às construções, à tecelagem, à elaboração de cartazes, etc. Existe, ainda, um placard destinado à exposição das produções das crianças. A área do faz de conta, contém diferentes roupas, adereços, máscaras, fantoches, marionetas e um biombo. (...) Os materiais de apoio à educação musical estão [são] o leitor de CD e DVD, o gravador e alguns instrumentos musicais. A área da biblioteca, possui livros, enciclopédias, manuais, jornais, revistas, trabalhos de pesquisa e registo de descobertas feitas pelas crianças, tudo ordenado e classificado, para que possam ser consultados facilmente, num ambiente confortável e agradável. Neste recanto, geralmente existe um tapete e algumas almofadas ao lado das prateleiras que contêm os livros, para que o meio envolvente seja propício à pesquisa e à leitura. Próximo da biblioteca encontra-se a área da escrita com o abecedário, palavras e uma mesa para trabalhar e ficheiros de imagens (sempre com imagem e a letra). Tem um teclado, monitor e rato, papéis variados, lápis, afia e borrachas, cadernos em branco, escantilhões, letras magnéticas e um quadro magnético. Também tem uma caixa onde se guardam os postais trazidos ou escritos nas férias pelos elementos do grupo. Tem [outra] caixa com os nomes de todos, visto que começa a haver interesse por parte de algumas crianças em copiar o seu. Há um placard para a exposição das tentativas de escrita produzidos pelas crianças. A área das ciências consiste num local recheado de materiais estruturados e não estruturados e de réplicas de experiências científicas, que servem de suporte ao estudo, à realização de várias experiências e ao desenvolvimento de projetos segundo os interesses das crianças. Na área da matemática está disponível uma variedade de jogos que as crianças podem escolher, desde enfiamentos, jogos lógicos, jogos de encaixe e puzzles.”

A educadora esforça-se para que todos os materiais estejam organizados e etiquetados/identificados.

<p><b>Perceber como evoluiu a organização do espaço e dos materiais na sala ao longo do ano letivo.</b></p>	<p>“O espaço da sala de atividades apresenta sete áreas. São elas: Expressão Plástica, Ciências e Matemática, Biblioteca, Escrita, Construções/Garagem, Faz de Conta e a área Polivalente/Tapete.”</p> <p>“(…) as crianças e a forma como vivem dentro da sala, como organizam as suas brincadeiras e como interagem nas suas atividades diárias vão dizer-nos muito sobre a forma como organizamos o espaço e dispusemos os materiais! (...) apercebi-me de que havia um desinteresse por parte do grupo em relação aos jogos de matemática, (...) a partir daí comecei a renovar os jogos todos os períodos, e os livros passaram a ser requisitados na própria sala para haver um incentivo a leitura em casa.”</p> <p>“(…) na organização da sala, não houve uma boa organização de uma certa área devido ao seu mau posicionamento. Pois a área das construções ficou em frente à porta que dava acesso ao recreio. Pois nela existia uma zona de passagem e nessa mesma zona estava inserida a área polivalente.”</p> <p>decidimos em grupo (educadora, auxiliar, crianças), no conselho de grupo, aumentar o espaço [áreas da matemática e da biblioteca] “</p>
<p><b>Perceber se as atividades propostas às crianças têm em conta a organização dos espaços e dos materiais.</b></p>	<p>“(…) observei duas crianças, uma de 5 e outra de 4 de mão dada pela sala a explorarem as diversas áreas. Com destreza, conseguiam ter acesso a todos os materiais que quisessem sem recorrer à aprovação ou apoio do adulto, conseguindo alcançar com facilidade todos os materiais que necessitavam para a sua atividade livre.”</p> <p>“(…) as crianças apropriam-se de todos os recursos disponíveis existentes na sala livremente (seja tesouras, colas ou tecidos), conhecendo cada recanto da sala e o que podem nele fazer. Isto reflete a independência e autonomia que assumem perante o espaço.”</p>

Através das notas de campo, podemos verificar que a organização do espaço e dos materiais de cada área é da responsabilidade da equipa pedagógica. Constata-se que todos os anos letivos há mudança de sala e que acompanham esta mudança, a educadora e o grupo e, apenas os materiais construídos pelas crianças.

Em relação à forma de apropriação dos espaços e dos materiais de cada área, inicialmente, as crianças fazem-no brincando livremente. Na sala, as crianças desenvolvem atividades de exploração livre dos espaços e dos materiais que estão acessíveis a todos eles. Assim, apropriam-se de todos os recursos disponíveis existentes e de cada área da sala.

Depois, à medida das necessidades de cada grupo e das orientações curriculares para o pré-escolar, surgem as regras de cada espaço e os respetivos inventários que vão sendo construídos com as crianças. Estes inventários são registos escritos/desenhados dos materiais existentes em cada área e das atividades que se podem realizar com eles. Cada área tem o seu inventário afixado na parede.

Segundo as notas de campo, é através do mapa de atividades que o grupo organiza/gere a distribuição de cada criança pelos espaços, tanto no tempo de brincar, como no tempo de trabalho autónomo. São estes tempos que permitem às crianças apropriarem-se dos espaços e dos materiais, bem como a sua participação na construção das regras de funcionamento de cada um e dos respetivos inventários.

A educadora considera, pelos registos das notas de campo, que as áreas de atividades devem ser independentes umas das outras, não se misturando ou confundindo. Por isso, dispõe os espaços de modo a que seja fácil a sua identificação, mesmo sem o seu suporte escrito.

A educadora na organização e disposição das áreas mostra alguns cuidados, como a colocação de espaços, em que as atividades são mais calmas, juntos e áreas mais barulhentas também próximas. No entanto, esta prática pode ser alterada em função do comportamento do grupo. Isto é, grupos calmos permitem a proximidade de áreas calmas com áreas mais barulhentas.

Na sala existem diferentes espaços, como o da Expressão Plástica, do Faz de Conta, da Biblioteca, da Escrita, das Ciências e da Matemática, das Construções/Garagem, e a Polivalente/Tapete. Todas as áreas apresentam material variado que vão desde material não estruturado, a material didático estruturado e tecnológico. A educadora faz um esforço para organizar e identificar todos os materiais.

A organização dos espaços e dos materiais na sala de atividades pode variar ao longo do ano, dependendo da forma como as crianças organizam as suas brincadeiras e de como interagem nas atividades diárias. Quando o grupo mostra desinteresse, por exemplo, em relação ao material existente na área da matemática ou em relação à leitura, a educadora muda as suas estratégias ou, em conselho de grupo, discutem o problema e encontram uma solução.

### 4.3. Análise documental

Segundo o Projeto Educativo da Instituição, os espaços criados e a disposição dos instrumentos didáticos, facilitam a gestão diversificada e cooperada do currículo, permitindo às crianças em determinados momentos, autonomia na realização das tarefas. As mesas da sala estão organizadas de modo a que as crianças circulem com mais facilidade, principalmente em momentos de diferenciação do trabalho.

O mesmo documento refere que como as crianças participam na organização e gestão do espaço, sendo este sentido como delas, e define-se como mais um fator responsável pelo sucesso educativo desejado, estando organizado em cinco áreas: área da matemática; área da leitura e escrita; área das ciências; área da organização e da pilotagem e a área das expressões. No entanto, estas áreas não coincidem na totalidade com as áreas explicitadas no Projeto Curricular de Grupo (PCG), pelo menos as denominações dadas a algumas delas, embora as funções das áreas acabem por ser as mesmas, podendo o Projeto Curricular de Grupo ser mais específico, dado se centrar numa sala de educação pré-escolar.

Segundo o PCG (2019) da organização do espaço vão depender as descobertas das crianças, as relações que entre elas se vão estabelecer e o trabalho que emergirá por toda a sala.

As áreas existentes na sala de atividades, estão de acordo com as preconizadas no Modelo da Escola Moderna, embora no PCG seja referido que a organização do espaço esteja de acordo com as preferências e as necessidades do grupo, podendo surgir novas áreas e anularem-se outras, após observação das crianças em ação nesses mesmos espaços.

No início do ano letivo, as áreas inscritas em PCG eram as seguintes:

Área Polivalente / Área das Construções - Esta é a Área onde estão o tapete e que serve *“para todo o tipo de encontros coletivos do grande grupo (acolhimento, conselho, comunicações e outros encontros) e que vai servindo de suporte para outras atividades de pequeno grupo, ou individuais”* (Niza, 1998, p.147), numa área que se assume de destaque na sala. Estão nessa área afixados grande parte dos instrumentos de pilotagem, permitindo às crianças um contacto direto e imediato com os mesmos. Enquanto Área das Construções este espaço serve para a prática de brincadeiras de construção e jogos com carros, proporcionando às crianças a oportunidade de usarem as mãos com destreza, experimentarem a sua competência de equilíbrio das peças, sentirem a satisfação de ver como se ergue o que constroem e como permanece de pé. Além disso, incentiva a criatividade em formas e volumes, favorecendo a produção de construções variadas com materiais da especialidade (legos, blocos de madeira, etc...) ou do dia-a-dia (rolos de papel, amostras de chão flutuante, latas, etc..)

- Área do Faz de Conta - Nesta área as crianças exteriorizam a sua forma de ser e imitam os adultos, dando largas às suas emoções, sentimentos, desejos e preferências. Expressam-se com frases semelhantes às que ouvem dos adultos que as rodeiam e também usam “*adereços que as ajudam a compor as suas personagens*” tanto nas suas atividades de faz-de-conta como nos “*projetos de representação dramática.*” (NIZA, 1998, p.147). Presentemente têm a área da casinha, mas ao longo do ano poderão surgir outros cenários, conforme os interesses do grupo.
- Área da Expressão Plástica - Esta é uma área ampla onde as crianças dispõem dos materiais necessários ao desenho, à pintura, à modelagem, ao recorte e colagem, entre outras. É uma área onde estão arrumados inúmeros materiais aos quais as crianças têm acesso direto, reservando-se os materiais para os quais ainda não estão preparadas em locais cujo acesso lhes está interdito. Sempre que solicitados outros materiais para além dos que estão acessíveis, eles são oferecidos também.  
Esta Área dispõe de um cavalete para permitir às crianças realizar pintura vertical e, este ano, as tintas estão sempre ao seu alcance.
- Área da Matemática e das Ciências - Nesta área está disponível uma variedade de jogos que as crianças podem escolher, desde enfiamentos, jogos lógicos, jogos de encaixe e puzzles. Estes jogos sofrerão uma rotatividade ao longo do ano, por forma a que o elemento surpresa e desafiador esteja sempre presente.  
Nesta área também poderão ficar disponíveis jogos e desafios temporários e temáticos construídos pelo adulto que, após uma exploração em grande grupo, podem ser utilizados individualmente ou a pares.  
É também nesta área que está uma coleção de elementos naturais que o grupo tem vindo a reunir. Porém, essa coleção não é de todo um museu, mas sim um laboratório, um sistema vivo que é manipulado, onde se pode medir e pesar, comparar, observar com lupa e outros instrumentos, onde se contacta com a Natureza. É também nesta área que estão os animais e as plantas ao cuidado do grupo, elementos da estação do ano, animais de plástico manipuláveis, livros, entre outros.  
Nesta área está previsto que venham a existir também pequenas experiências para que as crianças possam resolver “*problemas no âmbito da iniciação científica*”. (Niza, 1998, p.147)

Este ano, esta área contempla uma mesa de luz e materiais translúcidos para exploração sobre a mesma.

- **Área da Biblioteca** - A biblioteca é a área onde as crianças podem interagir com os livros disponíveis na sala, bem como com revistas e outros suportes escritos que possam vir a fazer parte dela. Nesta área também se encontram fantoches e cartas com imagens para incentivar à construção de histórias, atividade essa que implica interação entre as crianças, diálogo e, conseqüentemente, desenvolvimento da linguagem e do raciocínio lógico. O espólio da Biblioteca está dividido em quatro: Histórias Novas (etiqueta azul), Histórias Clássicas e Tradicionais (etiqueta amarela), Livros que rimam (etiqueta vermelha) e Livros para aprender coisas (etiqueta verde).

Deste espólio, as crianças poderão fazer requisições que registam no seu cartão de leitor da Biblioteca T, ao longo do ano. No final do ano, o grupo visitará uma das Bibliotecas Municipais para as crianças fazerem o seu cartão de leitor de verdade e que lhes possibilitará o acesso a qualquer um dos equipamentos municipais disponíveis para o efeito.

- **Área da Escrita** - É uma área onde se pressupõe que as crianças possam contactar com a escrita de forma livre, espontânea e recorrendo a materiais que lhes despertem essa curiosidade e possam fomentar algumas descobertas.

Presentemente, a Área da Escrita, oferece papéis variados, lápis, afia e borrachas, cadernos em branco, escantilhões, letras magnéticas e um quadro também magnético, ficheiros de imagens, letras amovíveis e um Loto de Palavras. Também tem uma caixa onde se guardam os postais trazidos ou escritos nas férias pelos elementos do grupo.

No segundo período letivo a disposição geral da sala de atividades (**Apêndice D e E**) foi alterada pela equipa pedagógica com a participação das crianças devido à necessidade de obter mais espaço útil em cada área da sala (Nota de Campo)

#### **4.4. Síntese reflexiva emergente**

No sentido de compararmos todos os dados recolhidos, organizámos as várias análises realizadas a partir dos objetivos traçados para o trabalho. Deste modo, tentámos perceber se os dados se complementam/convergem ou se divergem no seu sentido. Nesta síntese deparámo-nos com o facto de que nem sempre foi possível registar e refletir apenas sobre determinado objetivo, pois os dados entrelaçam-se e articulam-se não se podendo, por vezes, falar de determinado acontecimento sem referir outros.

Apresenta-se em seguida a tabela comparativa de suporte à síntese reflexiva emergente

Tabela 3 -Tabela de síntese reflexiva emergente

Objetivos	Análise da entrevista	Análise das notas de campo	Projeto Educativo da Instituição	Projeto Curricular Grupo
Perceber quais são os intervenientes na definição do espaço e dos materiais.	Para iniciar o processo de organização do espaço da sala de atividades, a educadora socorre-se da sua experiência prática, tentando imaginar como a disposição das áreas funcionaria melhor. No entanto, diz a educadora, a primeira organização da sala é realizada pela Equipa Pedagógica (educadora e auxiliar), após a avaliação do ano letivo que termina e tendo em conta os alunos que vai ter na sala no ano seguinte.	a organização do espaço e dos materiais de cada área é da responsabilidade da equipa pedagógica.	as crianças participam na organização e gestão do espaço, sendo este sentido como delas e define-se como mais um fator responsável pelo sucesso educativo desejado	
Compreender de que forma as crianças se apropriam dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades.	A educadora salienta também que é o envolvimento/participação das crianças, na construção de cada espaço físico e na elaboração das regras de utilização de cada um deles, que lhes possibilita a utilização desses mesmos espaços e dos materiais correspondentes com autonomia face ao adulto. Este envolvimento das crianças acontece também sob a forma de conversas da educadora com o grupo, motivadas por ela própria ou por alguma criança, despoletadas pelo funcionamento inadequado de alguma área, pela introdução de um novo material ou pela sugestão de uma nova atividade. Quanto às regras de funcionamento/utilização das áreas, a educadora menciona que começa por identificar cada uma delas através de suporte escrito,	Em relação à forma de apropriação dos espaços e dos materiais de cada área, inicialmente, as crianças fazem-no brincando livremente. Na sala, as crianças desenvolvem atividades de exploração livre dos espaços e dos materiais que estão acessíveis a todos eles. Assim, apropriam-se de todos os recursos disponíveis existentes e de cada área da sala. Depois, à medida das necessidades de cada grupo e das orientações curriculares para o pré-escolar, surgem as regras de cada espaço e os respetivos inventários que vão sendo construídos com as crianças. Estes inventários são registos escritos/desenhados dos materiais existentes em cada área e das atividades que se podem realizar com eles. Cada		Depois do tempo de Trabalho Curricular Comparticipado, as crianças dirigem-se para as Áreas de Interesse e é fundamental que disponham deste tempo para a descoberta e manipulação dos materiais, permitindo-lhes interrogações e o aparecimento de dúvidas que se podem transformar em projetos.

	<p>mas que após algum tempo de utilização das mesmas pelas crianças, define com elas regras, como o número de utilizadores em simultâneo. Esta regra surge da necessidade sentida pelas crianças quando há um grande número a utilizar o mesmo espaço, não permitindo o seu adequado funcionamento. Desta forma, segundo a educadora, as crianças apropriam-se das regras e são elas próprias a gerir os incumprimentos, verificando-se menor necessidade de intervenção do adulto.</p>	<p>área tem o seu inventário afixado na parede. é através do mapa de atividades que o grupo organiza/gera a distribuição de cada criança pelos espaços, tanto no tempo de brincar, como no tempo de trabalho autónomo. São estes tempos que permitem às crianças apropriarem-se dos espaços e dos materiais, bem como a sua participação na construção das regras de funcionamento de cada um e dos respetivos inventários.</p>		
<p>Perceber a importância que a educadora atribui à organização do espaço e dos materiais na sua prática pedagógica.</p>	<p>A organização do espaço e a seleção dos materiais de cada uma das áreas deve responder, segundo a educadora, em primeiro lugar, às necessidades e interesses das crianças. Para ela, é fundamental que a organização destes espaços e dos materiais correspondentes, esteja ao alcance das crianças. De qualquer modo salienta que tenta sempre que áreas calmas se mantenham contíguas e separadas das áreas mais “barulhentas”, como a das construções. Refere mesmo que gosta de colocar junto às janelas as áreas da Biblioteca e da Escrita e, a área polivalente, numa zona central. As principais dificuldades na organização do espaço e dos materiais em sala de atividades, apresentadas pela educadora, prendem-se com a necessidade de maior área total da sala, para que as áreas de atividades pudessem ser também maiores e os materiais dispostos de outra forma. Esta</p>	<p>A educadora considera, pelos registos das notas de campo, que as áreas de atividades devem ser independentes umas das outras, não se misturando ou confundindo. Por isso, dispõe os espaços de modo a que seja fácil a sua identificação, mesmo sem o seu suporte escrito. A educadora na organização e disposição das áreas mostra alguns cuidados, como a colocação de espaços, em que as atividades são mais calmas, juntos e áreas mais barulhentas também próximas. No entanto, esta prática pode ser alterada em função do comportamento do grupo. Isto é, grupos calmos permitem a proximidade de áreas calmas com áreas mais barulhentas. Na sala existem diferentes espaços, como o da Expressão Plástica, do Faz de Conta, da Biblioteca, da Escrita, das Ciências e da Matemática, das</p>		<p>No entanto, estas áreas não coincidem na totalidade com as áreas explicitadas no Projeto Curricular de Grupo (PCG), pelo menos as denominações dadas a algumas delas, embora as funções das áreas acabem por ser as mesmas, podendo o Projeto Curricular de Grupo ser mais específico, dado se centrar numa sala de educação pré-escolar. As áreas existentes na sala de atividades, estão de acordo com as preconizadas no Modelo da Escola Moderna, embora no PCG seja referido que a organização do espaço esteja de acordo com as preferências e as necessidades do grupo, podendo surgir novas áreas e anularem-se outras, após observação das crianças em ação nesses mesmos espaços. No início do ano letivo, as áreas inscritas em PCG eram as seguintes: Área Polivalente / Área das Construções - Esta é a Área onde estão o tapete e que serve “para todo o tipo de encontros coletivos do grande grupo (acolhimento, conselho, comunicações e outros encontros) e que vai servindo de suporte para outras atividades de pequeno grupo, ou individuais” (NIZA, 1998, p.147), numa área que se assume de destaque na sala. Estão nessa área afixados grande parte dos instrumentos de pilotagem, permitindo às crianças um contacto direto e imediato com os mesmos. Enquanto Área das Construções este espaço serve para a prática de brincadeiras de construção e jogos com carros, proporcionando às crianças a oportunidade de usarem as mãos com destreza, experimentarem a sua competência de</p>

	<p>dificuldade prende-se por sua vez também com a necessidade de cada sala possuir mobiliário apropriado, de forma a dispor os materiais de forma visível, organizada e passível de serem usados sem a intervenção do adulto, possibilitando a realização de atividades significativas que contribuem para o seu desenvolvimento e para a sua aprendizagem.</p>	<p>Construções/Garagem, e a Polivalente/Tapete. Todas as áreas apresentam material variado que vão desde material não estruturado, a material didático estruturado e tecnológico. A educadora faz um esforço para organizar e identificar todos os materiais.</p>	<p>equilíbrio das peças, sentirem a satisfação de ver como se ergue o que constroem e como permanece de pé. Além disso, incentiva a criatividade em formas e volumes, favorecendo a produção de construções variadas com materiais da especialidade (legos, blocos de madeira, etc...) ou do dia-a-dia (rolos de papel, amostras de chão flutuante, latas, etc....)</p> <p>Área do Faz de Conta - Nesta área as crianças exteriorizam a sua forma de ser e imitam os adultos, dando largas às suas emoções, sentimentos, desejos e preferências. Expressam-se com frases semelhantes às que ouvem dos adultos que as rodeiam e também usam “adereços que as ajudam a compor as suas personagens” tanto nas suas atividades de faz-de-conta como nos “projetos de representação dramática.” (NIZA, 1998, p.147)</p> <p>Presentemente têm a área da casinha, mas ao longo do ano poderão surgir outros cenários, conforme os interesses do grupo.</p> <p>Área da Expressão Plástica - Esta é uma área ampla onde as crianças dispõem dos materiais necessários ao desenho, à pintura, à modelagem, ao recorte e colagem, entre outras. É uma área onde estão arrumados inúmeros materiais aos quais as crianças têm acesso direto, reservando-se os materiais para os quais ainda não estão preparadas em locais cujo acesso lhes está interdito. Sempre que solicitados outros materiais para além dos que estão acessíveis, eles serão procurados e oferecidos também.</p> <p>Esta Área dispõe de um cavalete para permitir às crianças realizarem pintura vertical e, este ano, as tintas estão sempre ao seu alcance.</p> <p>Área da Matemática e das Ciências - Nesta área está disponível uma variedade de jogos que as crianças podem escolher, desde enfiamentos, jogos lógicos, jogos de encaixe e puzzles. Estes jogos sofrerão uma rotatividade ao longo do ano, por forma a que o elemento surpresa e desafiador esteja sempre presente.</p> <p>Nesta área também poderão ficar disponíveis jogos e desafios temporários e temáticos construídos pelo adulto que, após uma exploração em grande grupo, podem ser utilizados individualmente ou a pares.</p>
--	---	---	---

			<p>É também nesta área que está uma coleção de elementos naturais que o grupo tem vindo a reunir. Porém, essa coleção não é de todo um museu, mas sim um laboratório, um sistema vivo que é manipulado, onde se pode medir e pesar, comparar, observar com lupa e outros instrumentos, onde se contacta com a Natureza. É também nesta área que estão os animais e as plantas ao cuidado do grupo, elementos da estação do ano, animais de plástico manipuláveis, livros, entre outros.</p> <p>Nesta área está previsto que venham a existir também pequenas experiências para que as crianças possam resolver “problemas no âmbito da iniciação científica”. (NIZA, 1998, p.147)</p> <p>Este ano, esta área contempla uma mesa de luz e materiais translúcidos para exploração sobre a mesma.</p> <p>Área da Biblioteca - A biblioteca é a área onde as crianças podem interagir com os livros disponíveis na sala, bem como com revistas e outros suportes escritos que possam vir a fazer parte dela. Nesta área também se encontram fantoches e cartas com imagens para incentivar à construção de histórias, atividade essa que implica interação entre as crianças, diálogo e, conseqüentemente, desenvolvimento da linguagem e do raciocínio lógico. O espólio da Biblioteca está dividido em quatro: Histórias Novas (etiqueta azul), Histórias Clássicas e Tradicionais (etiqueta amarela), Livros que rimam (etiqueta vermelha) e Livros para aprender coisas (etiqueta verde).</p> <p>Deste espólio, as crianças poderão fazer requisições que registam no seu cartão de leitor da Biblioteca T, ao longo do ano. No final do ano, o grupo visitará uma das Bibliotecas Municipais para as crianças fazerem o seu cartão de leitor de verdade e que lhes possibilitará o acesso a qualquer um dos equipamentos municipais disponíveis para o efeito.</p> <p>Área da Escrita - É uma área onde se pressupõe que as crianças possam contactar com a escrita de forma livre, espontânea e recorrendo a materiais que lhes despertem essa curiosidade e possam fomentar algumas descobertas.</p> <p>Presentemente, a Área da Escrita, oferece papéis variados, lápis, afia e borrachas, cadernos em branco, escantilhões, letras magnéticas e um quadro também magnético, ficheiros de imagens, letras amovíveis e um Loto de Palavras.</p>
--	--	--	--

				Também tem uma caixa onde se guardam os postais trazidos ou escritos nas férias pelos elementos do grupo.
Perceber como evoluiu a organização do espaço e dos materiais na sala ao longo do ano letivo.	<p>Considera também ser natural, ao longo do ano letivo, repensar e consequentemente reorganizar os espaços e materiais com a sua equipa e com o grupo de crianças, quando pressente que as áreas não estão a funcionar devidamente. Não obstante o que refere anteriormente, a educadora diz saber que a organização do espaço nunca é a mesma ao longo do ano letivo.</p> <p>A respeito dos fatores de mudança, a educadora revela que estes poderão ser inesperados e, portanto, não controlados pela equipa pedagógica ou surgirem a partir da observação do comportamento das crianças quando exploram os espaços e os materiais que lhes correspondem. Podem ainda emergir das vivências das crianças e suas opiniões sobre o que fazem, como fazem e condições em que fazem ou das próprias reflexões da equipa pedagógica sobre o seu trabalho e como forma de melhorar as aprendizagens do grupo e de cada criança.</p>	<p>Constata-se que todos os anos letivos há mudança de sala e que acompanham esta mudança, a educadora e o grupo e, apenas os materiais construídos pelas crianças.</p> <p>A organização dos espaços e dos materiais na sala de atividades pode variar ao longo do ano, dependendo da forma como as crianças organizam as suas brincadeiras e de como interagem nas atividades diárias. Quando o grupo mostra desinteresse, por exemplo, em relação ao material existente na área da matemática ou em relação à leitura, a educadora muda as suas estratégias ou, em conselho de grupo, discutem o problema e encontram uma solução.</p> <p>No segundo período letivo a disposição geral da sala de atividades (Apêndice D e E) foi alterada pela equipa pedagógica com a participação das crianças devido à necessidade de obter mais espaço útil em cada área da sala</p>		

<p>Perceber se as atividades propostas às crianças têm em conta a organização dos espaços e dos materiais.</p>	<p>Para tal, afirma a educadora que é importante fazer uma espécie de inventário de atividades possíveis, em cada um dos espaços com as crianças, para que elas sejam coautoras das intenções específicas de cada área e de qual o uso apropriado dos materiais nelas existentes.</p> <p>Segundo a educadora, a aprendizagem das crianças está diretamente relacionada com a possibilidade de estas poderem escolher e realizar atividades significativas nos vários espaços/áreas, mobilizando diferentes materiais. Para que isso aconteça, a disposição das áreas na sala deve ser apelativa e devem-se distinguir claramente umas das outras para as crianças se orientarem, indicando este como um aspeto fundamental na organização do espaço.</p>		<p>Os espaços criados e a disposição dos instrumentos didáticos, facilitam a gestão diversificada e cooperada do currículo, permitindo às crianças em determinados momentos, autonomia na realização das tarefas.</p>	<p>Segundo o PCG (2019) da organização do espaço vão depender as descobertas das crianças, as relações que entre elas se vão estabelecer e o trabalho que emergirá por toda a sala.</p>
--	--	--	---	---

De acordo com os dados recolhidos apresentamos a síntese reflexiva emergente.

### **Perceber quais são os intervenientes na definição do espaço e dos materiais**

As análises dos vários documentos convergem na ideia de que os intervenientes na definição dos espaços e dos materiais são a equipa pedagógica da sala, na qual se destaca a educadora e as crianças da sala. Constata-se que a educadora permite que as crianças sejam também intervenientes ativos, tanto na disposição dos espaços/áreas, na sala, como na construção de regras e atividades passíveis de se realizarem nesses espaços, mediante os materiais existentes.

De facto, parece que *o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo (Decreto-Lei 241/2001) e concebe o espaço como meio de facilitar a interação da criança e do grupo num todo (Tavares, 2000, p.33).*

### **Compreender de que forma as crianças se apropriam dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades**

No que respeita à forma de as crianças se apropriarem dos espaços e dos materiais existentes na sala de atividades, todas as análises convergem, sendo que parece que a prática da educadora é efetivamente convergente com os documentos estruturantes da instituição e do próprio Grupo.

A forma de apropriação dos espaços e dos materiais pelas crianças, parece ter a ver com os princípios e finalidades do modelo pedagógico utilizado na instituição e preconizado pela educadora, o Movimento da Escola Moderna, que apresenta como uma das condições para atingir as finalidades a que se propõe, o proporcionar às crianças tempo para brincar, explorar e descobrir. De facto, o brincar livremente surge como uma das formas mais utilizadas para que as crianças se apropriem do espaço e dos materiais e consequentemente realizem aprendizagens.

Nesta instituição as Áreas de Interesse fornecem oportunidades diversas de apropriação e é fundamental que as crianças disponham de tempo para a descoberta e manipulação dos materiais, permitindo-lhes interrogações e o aparecimento de dúvidas que se podem transformar em projetos.

Na prática, a apropriação dos espaços e dos materiais de cada área, é realizada pelas crianças de forma lúdica, a brincar livremente, passando posteriormente e à medida que o seu conhecimento sobre o espaço e os materiais existentes em cada área é maior, começam a participar ativamente, na construção das regras de cada espaço e nos seus respetivos inventários.

O Tempo de Trabalho Autónomo, em que as crianças utilizam os materiais para cumprir os inventários de cada espaço em determinado momento, é outra forma de apropriação dos espaços e dos materiais.

*Sendo a aprendizagem uma construção pessoal, que só o próprio indivíduo pode fazer, resultando de processos de interação, de atividades colaborativas e comunicativas com o ambiente que envolve a criança/sujeito de ação* (Bruner, 1996; Carrara, 2004; Dalberg, Moss, & Pence, 2003 cit. por Dias, I e Correias, S., 2012) é pertinente salientar o envolvimento/participação das crianças, na construção de cada espaço físico e na elaboração das regras de utilização de cada um deles, como uma aprendizagem que possibilita às crianças a utilização desses mesmos espaços e dos materiais correspondentes com autonomia face ao adulto, mesmo na gestão de incumprimentos por parte de outras crianças.

### **Perceber a importância que a educadora atribui à organização do espaço e dos materiais na sua prática pedagógica**

Também neste item a se verificou convergência de dados entre as várias fontes e consequentemente nas análises elaboradas. Transparece nos dados que a educadora, à luz do que defende Folque (1999. p.8), vê *a organização da sala de aula como a estrutura básica que fornece as oportunidades para os alunos aprenderem.*

Esta organização implica ter em conta os interesses e necessidades do grupo e de cada criança.

Embora a educadora nunca refira diretamente que funciona segundo o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM), o Projeto Educativo da Instituição de ensino refere que as educadoras promovem as condições para a concretização dos seus projetos, cujo objetivo é fazer emergir os projetos das crianças, praticando-se a Pedagogia do Projeto, sendo utilizadas as estratégias do MEM como forma de concretização da vida diária do grupo e de cada criança, através dos instrumentos de pilotagem e de regulação que asseguram o equilíbrio e a descoberta ao longo do ano.

Tanto a instituição, como a educadora e bem como a sua equipa pedagógica parecem assumir a perspectiva de Hohmann, Banet e Weikart (1995, p. 51) de que a organização do

espaço (...) *reflete a crença de que as crianças aprendem melhor num ambiente estimulante, mas organizado, no qual podem fazer escolhas e agir sobre elas*, pois enquanto seres construtores do seu conhecimento pela ação, necessitam de espaço para realizar os seus atos e aprenderem com os mesmos.

A qualidade e diversidade de materiais surgem também com grande relevância nas análises, no sentido em que são a substância de cada espaço. As ideias retiradas das análises estão na linha de pensamento de Cardona (1992, p.30), quando refere que *a organização do equipamento tem de ser suficientemente funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que necessitam para o desenvolvimento das atividades que escolheram*. Por isso, é patente o esforço da educadora para organizar e identificar todos os materiais, colocando-os de modo acessível ao grupo.

### **Perceber como evoluiu a organização do espaço e dos materiais na sala ao longo do ano letivo**

Uma ideia que perpassa nas diferentes análises é a de que as áreas poderão mudar ao longo do ano letivo, a qualquer momento, dependendo disso dos interesses, das vivências e dos comportamentos do grupo e/ou de cada criança, bem como das dinâmicas de sala ou da avaliação que a educadora e a sua equipa pedagógica realizam sistematicamente. Neste sentido julgamos poder afirmar que no caso concreto da sala que estudámos, o espaço está *incompleto o bastante para que [a criança] se aproprie e transforme esse espaço pela sua atuação*, uma vez que *a construção do conhecimento é um processo ativo que a criança realiza e que envolve a sua atuação direta sobre a realidade e a elaboração de interpretações sobre os aspetos que deseja conhecer* (Zabalza & Forneiro, 1998, p. 263).

As áreas de atividades existentes inicialmente, eram áreas como a da Expressão Plástica, do Faz de Conta, da Biblioteca, da Escrita, das Ciências e da Matemática, das Construções/Garagem, e a Polivalente/Tapete. A denominação das áreas nem sempre é igual nos vários documentos analisados, mas o seu propósito é o mesmo.

Emerge também a ideia de que para que haja autenticidade na aprendizagem ativa e construtiva, o educador deve oferecer às crianças espaços distintos e materiais estimulantes que promovam a curiosidade e a imaginação, promovendo sempre a atividade de manipulação e exploração, não esquecendo, tal como menciona Serrano (2018, p. 24) que para que o espaço físico se constitua como *promotor do desenvolvimento da criança, deve em primeiro lugar oferecer oportunidades para a exploração, mas ao mesmo tempo fazer a criança sentir-se*

*segura para que queira agir sobre ele e assim dê oportunidade a que a aprendizagem aconteça.*

A educadora parece seguir a linha de pensamento de Zabalza (1992), considerando que *tudo o que a criança faz/aprende, sucede num ambiente, num espaço cujas características afetam a conduta ou aprendizagem.* Acredita que o comportamento se altera quando o ambiente é modificado e, por isso, está atenta ao modo como as crianças se relacionam com cada espaço e respetivos materiais, pois parece saber que basta introduzir ou induzir uma mudança na disposição dos materiais e equipamentos da sala para influenciar a criança a diversificar a sua brincadeira. Nesta mesma linha emerge a necessidade de escolher os materiais, tendo em conta a sua qualidade e variedade, *baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético (Silva, 2016 p.26).*

Neste sentido o educador surge como o agente atento que reflete sobre o todo o espaço em que a criança se insere, alterando-o sempre que verifique a sua necessidade, tornando-o estimulante e diversificado de modo a proporcionar oportunidades de novas experiências e aprendizagens. Nesta linha de pensamento, emerge o pressuposto de que *a progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiadores e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados (ibidem p.26).*

### **Perceber se as atividades propostas às crianças têm em conta a organização dos espaços e dos materiais**

As análises mostram convergência na ideia de que os espaços criados e a disposição dos instrumentos didáticos facilitam a gestão diversificada e cooperada do currículo, permitindo às crianças em determinados momentos, autonomia na realização das tarefas e até na gestão de conflitos.

O Tempo de brincar livremente e o Tempo Autónomo de Trabalho, nos espaços/áreas escolhidos pelas crianças, possibilitam a realização de atividades (brincadeiras e inventários) de acordo com os materiais existentes.

Percebe-se que as atividades propostas as crianças, bem como a metodologia usada pela educadora, proporcionam às crianças o conhecimento do espaço e das suas possibilidades, sendo esta uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta

apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegados à reta final do trabalho, não pretendemos fazer generalizações, pois este estudo, configurou-se como um estudo de caso, onde pretendemos perceber a especificidade da realidade vivida numa sala de educação pré-escolar, no que respeita à organização do espaço e dos materiais.

Neste pressuposto, consideramos importante apresentar aqui a resposta à pergunta de partida:

A organização do espaço e dos materiais contribuem para o desenvolvimento de aprendizagens pelas crianças, em idade pré-escolar?

Tendo em conta que no ponto anterior sintetizámos de modo reflexivo a resposta a cada um dos objetivos traçados para o estudo, consideramos poder concluir que existem várias condições que no seu todo proporcionam que a organização do espaço e dos materiais contribuam para o desenvolvimento de aprendizagens pelas crianças, em idade pré-escolar. Em seguida passamos a apresentar as condições que desocultámos:

- a educadora concebe a organização da sala de aula como a estrutura básica que fornece as oportunidades para os alunos aprenderem;
- a educadora concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, vendo o espaço como meio de facilitar a interação da criança e do grupo num todo;
- a educadora acredita que as crianças aprendem melhor num ambiente estimulante, mas organizado, no qual podem fazer escolhas e agir sobre elas, pois enquanto seres construtores do seu conhecimento pela ação, necessitam de espaço para realizar os seus atos e aprenderem com os mesmos;
- as crianças são intervenientes ativos, tanto na disposição dos espaços/áreas, na sala, como na construção de regras e atividades passíveis de se realizarem nesses espaços;
- o Movimento da Escola Moderna, enquanto metodologia usada pela educadora na sua prática pedagógica, apresenta princípios e finalidades que proporcionam às crianças tempo para brincar, explorar e descobrir os espaços e os materiais;
- à medida que o conhecimento das crianças sobre o espaço e os materiais existentes em cada área é maior, começam a participar ativamente, na construção das regras de cada espaço e nos seus respetivos inventários;

- o brincar livremente, nas áreas de atividades, é uma das formas mais utilizadas para que as crianças se apropriem do espaço e dos materiais e conseqüentemente realizem aprendizagens;
- o Tempo de Trabalho Autónomo, em que as crianças utilizam os materiais para cumprir os inventários de cada espaço em determinado momento, é outra forma de apropriação dos espaços e dos materiais.
- o envolvimento/participação das crianças, na construção de cada espaço físico e na elaboração das regras de utilização de cada um deles, como uma aprendizagem que possibilita às crianças a utilização desses mesmos espaços e dos materiais correspondentes com autonomia face ao adulto, mesmo na gestão de incumprimentos por parte de outras crianças;
- os materiais estão arrumados de forma funcional e acessível às crianças, para que estas consigam encontrar sozinhas aquilo de que necessitam para o desenvolvimento das atividades que escolheram;
- os materiais são selecionados, tendo em conta a sua qualidade e variedade;
- há introdução de novos espaços e materiais ou a sua alteração, sempre que necessário, ao longo do ano letivo;
- os espaços criados e a disposição dos materiais possibilitam a autonomia das crianças, na realização das tarefas e até na gestão de conflitos;
- as atividades propostas proporcionam às crianças o conhecimento do espaço e das suas possibilidades, sendo esta uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo;

De um modo grosseiro podemos dizer que a verificarem-se estas condições será provável que a organização do espaço e dos materiais contribua para o desenvolvimento de aprendizagens pessoais e de grupo, em crianças de pré-escolar.

Neste momento impõe-se tecer algumas considerações sobre todo o caminho percorrido.

Embora seja um lugar comum referir que, uma das principais limitações ao desenvolvimento deste trabalho, foi a limitação de tempo a que estivemos sujeitos, é pertinente mencionar que este foi, de facto, um obstáculo, especialmente sentido.

Os afazeres profissionais, familiares e académicos nem sempre permitiram fazer a gestão adequada da investigação, implicando reformulações teóricas e metodológicas, de

modo a obtermos um produto final que correspondesse ao esforço despendido e às expectativas criadas, tornado a finalização do relatório da investigação mais demorada.

Uma outra limitação que sentimos, teve a ver com o facto de não termos tido disponibilidade para articular com a nossa orientadora, de forma mais regular, pois ter-nos-ia facilitado as nossas tarefas enquanto investigadores.

No que diz respeito à investigação, podemos referir como ponto fraco, o facto de nem sempre ter sido fácil posicionarmo-nos de forma imparcial face à investigação ou recolhermos/registarmos as informações que já conhecíamos, por nos parecerem demasiado óbvias.

Pese embora, todos os constrangimentos e obstáculos que encontrámos e que de algum modo tivemos de ultrapassar, estamos satisfeitos com os resultados do presente estudo, dado que, enquanto investigadores adquirimos maior consciência das implicações futuras do nosso trabalho pedagógico junto das crianças. De facto, tomámos consciência de que as nossas opções pedagógicas têm implicações, na forma como as crianças constroem as suas aprendizagens e, portanto, na forma como se constroem enquanto pessoas.

A elaboração do presente relatório foi para nós um processo importante, pois, ao aprofundarmos, do ponto de vista teórico, as práticas do local de estágio, munimo-nos de conhecimento que servirá para consolidarmos as nossas próprias práticas e conseqüentemente para sentirmos maior segurança.

Tendo em conta o estudo efetuado, parece-nos interessante replicá-lo em diferentes contextos educativos e perceber se neles estão presentes as mesmas condições para que organização do espaço e dos materiais contribua para que as crianças em idade de educação pré-escolar realizem aprendizagens.

Importante é mencionar que foi em contexto de estágio, em creche, que começámos a perceber, efetivamente, a importância de haver um espaço organizado e estruturado, independentemente da sua faixa etária para que as crianças realizem as aprendizagens, a partir da interação com os espaços e respetivos materiais, sem a interferência dos adultos.

Já em contexto de estágio, em jardim de infância, as nossas intervenções foram sempre com o objetivo de potencializar o espaço, no seu todo, tendo sempre em consideração as características e necessidades do grupo, bem como o modelo pedagógico em uso.

A instituição cooperante, pelo seu projeto educativo, foi muito importante para nós, pois pudemos estar incluídos num todo, em que todos os docentes tinham os mesmos objetivos pedagógicos, com os quais nos identificámos, tendo sido gratificante viver esta experiência.

Em relação à educadora cooperante, é imperativo referirmos que esteve sempre presente, mostrando-se um modelo e um apoio construtivo nos momentos menos bons, contribuindo decisivamente para a construção da nossa identidade profissional, pois identificámo-nos com as suas crenças e ideais em relação à educação de infância, na qual as crianças têm um papel ativo e são respeitadas como um ser único e individual.

Com o culminar desta experiência, resta-nos o desejo de num futuro próximo virmos a integrar uma equipa pedagógica que partilhe os mesmos ideais pedagógicos e que no dia-a-dia partilhe também dúvidas e incertezas e reflita sobre como melhorar as práticas pedagógicas, pois será nesta partilha e reflexão cooperada que pensamos estar alicerçado o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

Para terminarmos, resta-nos apresentar uma ideia. Isto é, a temática por nós selecionada neste projeto parece-nos de tal modo importante, no contexto da educação de infância, que deveria fazer parte integrante, do currículo do mestrado em Educação Pré-escolar.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Aires, L. (2001). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alarcão, I. (2000). *Professor-investigador: Que sentido? Que formação?* Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação (2ªed)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bertrand, Y. (2001). *Teorias contemporâneas da educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Cardona, M. (1992). *A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância*. In: Seabra, M. (Org.). *Cadernos de educação de infância (Nº 24)*. Lisboa: Associação dos Profissionais de Educação de Infância.
- Cardona, M. (1999). *O Espaço e o Tempo no Jardim de Infância* (Vols. pp.132-138). Lisboa: Pro-Posições.
- Coutinho, C. V. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Em *Psicologia, Educação e Cultura* (Vols. XIII, pp.355-378).
- Dias, I. & Correia (2012). *Processos de aprendizagem dos 0 aos 3 anos: contributos do In Revista IBeroamericana de Educación, socio-construtivismos,60*. Instituto Politécnico de leiria.
- Fernandes, A. (2006). *A Investigação-Ação como Metodologia*. Porto: Universidade do Porto.
- Fernandes, P. (2006). *A (Re) Construção do Ambiente educativo das Escolas e a Educação Multi /Intercultural*. *Dissertação de Mestrado*. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Ferrão Tavares, C. (2000). *Os Media e Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Ferreira, C. ((2.<sup>a</sup> edição)2008). *Metodologia de Investigação - Guia para a Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Folque, M. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Revista do Movimento da Escola Moderna, N°5, 5.ªsérie, 5-12*.
- Folque, M. (1999). *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. ESCOLA MODERNA N° 5•5ª*.
- Folque, M. (2014). *O Aprender a Aprender no Pré-escolar: Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, I. (2008). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo-Sentidos e Formas de Uso (Reimpressão ed.)*. Cascais: Príncípia Editora.
- Hohmann, M. W. (1995). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard-Hébert, M. G. (2012). *Investigação Qualitativa-Fundamentos e Práticas (5ª Edição ed.)*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, S. (2001). *Como a crianças pequena se desenvolve*. São Paulo: Sobradinho.
- Marchão, A. (1991). *Como Organizar a "Zona da biblioteca" no jardim de Infância*. Lisboa: Aprender.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Lisboa: Porto Editora.
- Niza, I., & Martins, M. (1998). *Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita*. Universidade Aberta
- Niza, S. (2013). *O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In J. Oliveira Formosinho, J. Formosinho, D. Lino, & S. Niza ,*Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliveira Formosinho, & A. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em Participação*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. &. (2018). *Educação e Contemporaneidade, A formação como pedagogia da relação*. *Revista FAEEBA - 27(51),19-28*.
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). A Contextualização do Modelo Curricular High-Scope no Âmbito do Projeto Infância. Em J. O.-F. (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 61-108). Porto Editora.
- Pacheco, J. (1995). *O pensamento e a ação do Professor*. Porto: Porto Editora.
- Parente, C. (2012). *Observar e Escutar na Creche: Para aprender sobre a criança*. Braga: Universidade do Minho.

- Pinto, M. (1997). *A infância como construção social*. In: M. Pinto & M. Sarmiento (Org), *As Crianças, Contextos e Identidades*(pp.33-73). Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Ponte, J. (1994). *O estudo de caso na investigação em educação matemática*. Lisboa: Quadrante,3.
- Post, J., & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, C. J. ((2ª. ed)1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rafael, M. (2005). *Abordagens comportamentais da aprendizagem*. In G. L. Miranda & S. Bahia (Org.). *Psicologia da educação. Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino (Capítulo 6, pp. 121-140)*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Roegiers & Ketele. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santini, M. (2003). *Para educar o Potencial Humano*. Brasil: Papyrus.
- Serrano, P. (2018). *O Desenvolvimento da Autonomia dos 0 aos 3 Anos: Etapas, Atividades e Sinais de Alerta*. Lisboa: Papa-Letras.
- Silva, I. ((2016)). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral da Educação.
- Zabalza, M. (1992). *Didática na Educação Infantil*. Rio Tinto: Edições:ASA.
- Zabalza, M. (1998). *A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. Em M.A. Zabalza, *Qualidade em Educação de Infantil*(pp.229-281). Porto Alegre: ArtMed.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: ArtedMed.

## **Referências Legislativas**

- Decreto Regulamentar n. °2/2010, de 23 de julho – Padrões de Desempenho Docente.
- Decreto-Lei n. °195/97, de 25 de agosto – publicado na sequência da aprovação pela Assembleia da República da Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, Lei Quadro da Educação Pré-Escolar.
- Decreto-Lei n. °240/2001, de 30 de agosto – Perfil Geral de Desempenho dos Educadores e Professores.
- Decreto-Lei n. °241/2001, de 30 de agosto – Perfil Específico de Desempenho dos Educadores e Professores.
- Decreto de Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, D. R. n.º 166, I Série - A. Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo

## **Documentos Consultados Respeitante à Organização e Funcionamento das Instituições**

Projeto Curricular de Sala (2019/2020);

Regulamento Interno da Instituição (2019);

Projeto de Educativo da entidade cooperante (2017/2020).

## **Anexos**

## Anexos A-Declaração de autorização de depósito no repositório comum



### ANEXO I

#### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Joana Rita Reis Carnecho

Portador do Cartão de Cidadão n.º \_\_\_\_\_

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: Organização do Espaço no Jardim de Infância

Concluído/a em 21/10/2020

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado<sup>1</sup>  até \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Email: Joana\_ReisCarnecho@hotmail.com Contacto tlf: 916651790

Data: 21/10/2020

Assinatura: Joana Carnecho

<sup>1</sup>Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

## Anexos B-Licença de distribuição não exclusiva-repositório comum



### ANEXO II

#### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

#### LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Joana Rita Reis Garnecho

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 21/10/2020

Assinatura: Joana Garnecho

## **Apêndices**

Apêndice A-Exemplos de registos de observações/notas de campo no contexto de Jardim de Infância

<b>Contexto de Jardim de Infância</b>	
<b>Data</b>	<b>Observação/Nota de campo</b>
Sala de atividades, 15 de outubro de 2019.	<p><b>Nota de Campo:</b> O mapa de presenças, apesar de apresentar a mesma estrutura que o mapa do ano anterior, foi reduzido de uma folha em A3, para uma folha em A4 para o meu espanto tem funcionado muito melhor.</p> <p>Há sempre uma criança de 5 anos encarregue de ajudar os mais novos e os que chegaram de novo a preencher o mapa.</p>
Sala de atividades, 21 de outubro de 2019	<p><b>Nota de Campo:</b> Foi necessário ajudar um grupo de crianças a identificarem os materiais da área da biblioteca ,sendo que a sua participação consistiu em que elas escrevessem as palavras( com o meu apoio copiam as letras das palavras)as regras da área e fazerem um inventário(onde colocam os nomes dos materiais existentes) Com elas consegui obter uma conversa agradável sobre o que desenvolver nessa mesmas área e tudo o que poderíamos fazer na mesma.</p>
Sala atividades, 21 de outubro de 2019.	<p><b>Nota de Campo:</b> Na organização da sala, não houve uma boa organização de uma certa área devido ao seu mau posicionamento. Pois a área das construções ficou em frente à porta que dava acesso ao recreio.</p> <p>Pois nela existia uma zona de passagem e nessa mesma zona estava inserida a área polivalente.</p>
Sala atividades, 21 de outubro de 2019.	<p><b>Nota de campo:</b> O espaço da sala de atividades apresenta sete áreas. São elas: Expressão Plástica, Ciências e Matemática, Biblioteca, Escrita, Construções/Garagem, Faz de Conta e a área Polivalente/Tapete.</p>
Sala atividades, 21 de outubro de 2019.	<p><b>Nota de Campo:</b> Na área da expressão plástica existem diversos materiais de suporte à pintura, ao desenho, às construções, à tecelagem, à elaboração de cartazes, etc., para as crianças colocarem em prática as suas ideias e imaginação. Existe, ainda, um placard destinado à exposição das produções das crianças. A área do faz de conta, tendo a atividade</p>

	<p>dramática como ação privilegiada da educação artística, contém diferentes roupas, adereços, máscaras, fantoches, marionetas e um biombo. Sendo as práticas dramáticas globalizadoras, envolvendo diversas áreas do currículo, os materiais de apoio à educação musical podem estar associados a esta oficina, nomeadamente o leitor de CD e DVD, o gravador, alguns instrumentos musicais. A área da biblioteca, possui livros, enciclopédias, manuais, jornais, revistas, trabalhos de pesquisa e registo de descobertas feitas pelas crianças, tudo ordenado e classificado, para que possam ser consultados facilmente, num ambiente confortável e agradável. Neste recanto, geralmente existe um tapete e algumas almofadas ao lado das prateleiras que contêm os livros, para que o meio envolvente seja propício à pesquisa e à leitura.</p> <p>Próximo da biblioteca encontra-se a área da escrita que reúne instrumentos de apoio a escrita, como ficheiros de imagens (sempre com imagem e a letra). Tem um teclado, monitor e rato para simular o “escritório”, papéis variados, lápis, afia e borrachas, cadernos em branco, escantilhões, letras magnéticas e um quadro também magnético. Também tem uma caixa onde se guardam os postais trazidos ou escritos nas férias pelos elementos do grupo. Tem uma caixa com os nomes de todos, visto que começa a haver interesse por parte de algumas crianças em copiar o seu. (com abecedário, palavras, uma mesa para trabalhar). Há um placar para a exposição das tentativas de escrita produzidos pelas crianças. A área das ciências consiste num local recheado de materiais estruturados e não estruturados e de réplicas de experiências científicas, que servem de suporte ao estudo, à realização de várias experiências e ao desenvolvimento de projetos segundo os interesses das crianças. Na área da matemática está disponível uma variedade de jogos que as crianças podem escolher, desde enfiamentos, jogos lógicos, jogos de encaixe e puzzles. A educadora esforça-se para que todos os materiais estejam organizados e etiquetados/identificados.</p>
<p>Sala atividades, 22 de outubro de 2019</p>	<p><b>Nota de Campo:</b> Hoje houve uma criança que trouxe um retroprojetor de acetato, após uma conversa de tapete com o grupo, aproveitei essa oportunidade para inserir este novo material e incluí-lo nas atividades da semana. Ajudando depois a preparar um cantinho na área da matemática para o novo material.</p>
<p>Sala de atividades, 15 de novembro de 2019</p>	<p><b>Nota de Campo:</b> A C de três anos estava a fazer uma pintura na área da plástica com tintas guache, quando necessitou de ajuda para lavar as mãos. Uma vez que naquele momento os adultos estavam ocupados a auxiliar outras crianças numa atividade, pediram a M de 5</p>

	<p>anos se poderia ajudar a colega. A M sendo uma criança que está sempre disponível ajudar, não se importou e fez muito bem a sua tarefa.</p>
<p>Sala de atividades, 15 de novembro de 2019</p>	<p><b>Nota de Campo:</b></p> <p>Num momento de exploração livre na área do faz de conta, a M e a L levaram uma cesta com brinquedos (comida de plástico) para a área do tapete para fazer um lanche. Num instante foram logo chamadas atenção pela educadora por estarem fora da área que escolheram no mapa de atividades e por usarem materiais que não pertencem a essa mesma área. Após de serem chamadas atenção, regressam então ao faz de conta e prosseguem a brincadeira.</p>
<p>Sala de atividades, 15 de novembro de 2019</p>	<p><b>Nota de Campo:</b></p> <p>Na mesma manhã observei duas crianças, uma de 5 e outra de 4 de mão dada pela sala a explorarem as diversas áreas. Com destreza, conseguiam ter acesso a todos os materiais que quisessem sem recorrer à aprovação ou apoio do adulto, conseguindo alcançar com facilidade todos os materiais que necessitavam para a sua atividade livre.</p>
<p>Sala de atividades, dezembro e 2019</p>	<p><b>Nota de campo:</b></p> <p>No segundo período letivo a disposição geral da sala de atividades (Apêndice E) foi alterada pela equipa pedagógica com a participação das crianças devido à necessidade de obter mais espaço útil em cada área da sala.</p>
<p>Sala de atividades, dezembro de 2019</p>	<p><b>Nota de campo:</b></p> <p>A educadora proporciona ao grupo experiências interessantes e atividades rica que vão ao encontro dos objetivos propostos pelas orientações curriculares de educação do pré-escolar. Nesta perspetiva, de ser criativa e de propor atividades (no meu ponto de vista) torna-se uma educadora, que consegue gerir o seu tempo de modo a poder observar o comportamento do grupo, fase as atividades que propõem sendo assim, uma impulsionadora de novas aprendizagens.</p>

**1ª Reflexão Cooperada:21 de outubro de 2019**

“Em agosto, a equipa pedagógica da instituição, organiza a sua sala conforme o espaço e material nela existente. Pois todos os anos quer o grupo quer a educadora muda de sala.

Dessa forma há materiais de algumas áreas (que são construídas pelas crianças e outros que pertencem a educadora) que vão acompanhando a educadora e o grupo.”

**2ª Reflexão cooperada:22 de outubro de 2019**

“Através do mapa de atividades, eles conseguem organizar o seu tempo de brincadeira nas diversas áreas da sala. Também assim conseguem ter tempo de brincar e ter o tempo de trabalho autónomo. Neste tempo trabalham de acordo com os inventários que já foram discutidos e construídos com o grupo, de acordo com as suas necessidades e das orientações curriculares do pré-escolar.

Os inventários são registos escritos/desenhados dos materiais existentes em cada área e que atividades se podem fazer com eles. Cada área tem o seu inventário afixado na parede.”

”

**3ª Reflexão Cooperada: 9 de dezembro de 2019**

“Por causa da disposição da sala há áreas que acabam por ficar fixas a um canto para não estarem na direção da porta. Por exemplo: Não posso deixar a área polivalente (tapete) nessa direção por ser uma área de passagem e haver tendência a por quem lá passar pisar e destruir a brincadeira que possa estar a existir.”

**4ª Reflexão Cooperada: 9 de dezembro de 2019.**

“As crianças apropriam-se de todos os recursos disponíveis existentes na sala livremente (seja tesouras, colas ou tecidos), conhecendo cada recanto da sala e o que podem nele fazer. Isto reflete a independência e autonomia que assumem perante o espaço.”

Exemplos de Conversas informais com a educadora cooperante de Jardim de Infância

Data	Contextualização	Educadora de Jardim de Infância
Sala, 21 de outubro de 2019	Enquanto a auxiliar apoia as crianças a arrumar a área do faz de conta.	<b>Conversa Informal:</b> “Agora no início do ano tem existido um maior apoio nas áreas da nossa parte, porque há crianças que ainda são muito pequenas.”
Sala, 21 de outubro de 2019	Quando questiono a educadora sobre o facto de ainda não existirem todos os instrumentos de pilotagem do M.E.M.	<b>Conversa Informal:</b> “No início do ano deixamos a sala aberta para eles explorarem livremente brincando. As regras surgem depois, bem como a identificação das áreas. Em relação aos instrumentos de pilotagem que usamos no M.E.M, o único que é exposto desde o início é o mapa de presenças. Os outros mapas vão surgindo gradualmente, consoante as atividades desenvolvidas para surgir, o mapa seguinte.”
Sala, 21 de outubro de 2019.	Quando questionei a educadora sobre o posicionamento da área das construções.	<b>Conversa Informal:</b> Quando interrogo a educadora de o facto de a área das construções estar junto a área polivalente(tapete) esta referiu “É assim...como este até é um grupo muito calmo e que os meninos, que são quem costuma vir mais para a área das construções, tem mais a preferência pela área da matemática achei que não havia qualquer problema [em colocar a área polivalente junto à área da matemática]”  em colocar a área polivalente” Justificando também que até ao momento não tinha havido qualquer situação que justificasse a uma alteração.
Sala, 9 de Dezembro de 2019.	Enquanto o grupo explorava as áreas livremente, a educadora partilha o porquê de ter havido umas alterações em duas áreas.	<b>Conversa Informal:</b> “No fim do ano passado estas duas áreas já haviam de ter sido reorganizadas Por isso na área da matemática e da biblioteca, nós grupo (educadora, auxiliar, crianças) decidimos aumentar o espaço porque o grupo tinha partilhado que queria mais espaço porque o grupo tinha

		partilhado que queria mais espaço [para colocar mais materiais nas áreas da biblioteca e da matemática]. Assim sendo correspondi a necessidade. Mas apercebi-me de que havia um desinteresse por parte do grupo em relação aos jogos de matemática, como foi (acontecendo no ano passado), apartir dai comecei a renovar os jogos todos os períodos, e os livros passaram a ser requisitados na própria sala para haver um incentivo a leitura em casa.”
<b>Sala, 9de Dezembro de 2019.</b>	Ao reorganizar um espaço novo na sala a educadora partilha quais os objetivos que tem em relação a esse novo espaço.	<b>Conversa Informal:</b> “Tivemos que encurtar o espaço da área da escrita para receber o “cantinho da calma”, esse cantinho serve para quando a criança não consegue se acalmar sozinha e resolver o conflito do momento. Precisando assim de um tempo para desfrutar dos objetos (por exemplo um urso para dar um abraço, ou uma bola para apertar com as mãos, etc) e tentar acalmar para poder retornar ao momento em que existiu o conflito e resolvê-lo. Às vezes basta 5m para se acalmarem “
<b>Sala, 21 de outubro de 2019</b>	Durante a exploração livre das crianças nas áreas, converso com a educadora sobre a adaptação das novas crianças do grupo a esta sala.	<b>Conversa Informal:</b> “As que vêm do ano passado já conheciam a equipa nova. As outras crianças adaptaram-se bem, com facilidade através do apoio e aconchego dos adultos.
<b>Sala, 21 de outubro de 2019</b>	Esta conversa surge, porque havia uma criança nova no grupo que não queria largar o pai. Então a educadora sugeriu que o pai entrasse e fosse com ela ver a sala. Após esse período a criança ficou mais tranquila e regressou para junto do grupo.	<b>Conversa Informal:</b> A educadora considera que “esta é uma forma tranquila da criança de despedir do pai numa fase de adaptação”. Acrescentando que “É preciso apoiar as rotinas das crianças [que ingressaram no grupo este ano]. Incentivá-las a interagirem com os outros através de brincadeiras divertidas”, isto para evitar que estejam muito tempo isolados sem um miminho ou um colinho.

Apêndice B-Guião da entrevista

<b>Tema:</b> A organização do espaço em Jardim de Infância		
<b>Objetivos gerais:</b> Percecionar a organização do espaço e materiais no contexto de estágio de Jardim de Infância		
<b>Designação de Blocos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Formulário de pesquisa</b>
<p style="text-align: center;"><u>Bloco A</u></p> <p>A legitimação Da entrevista</p>	<p>Legitimar a entrevista</p>	<p>Informar as entrevistas sobre os objetivos de entrevista;</p> <p>Assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações concedidas (nomes e instituições fictícias), garantindo que os dados apenas serão utilizados nesta investigação;</p> <p>Comunicar às entrevistadas que o texto depois de transcrito será reencaminhado para que verifiquem a sua precisão e para acrescentar e/ou retificar informações;</p> <p>Solicitar autorização para gravar a entrevista em formato áudio e para citar na íntegra os dados recolhidos.</p> <p>Agradecer e realçar a importância da sua colaboração no presente estudo;</p>

<p><u>Bloco B</u> Dados identificativos do entrevistado</p>	<p>Conhecer o entrevistado</p>	<p>Qual a sua idade? Quais são as suas habilitações académicas? Quantos anos tem de serviço como educadora? Há quantos anos está ao serviço desta instituição? Qual é a faixa etária com que trabalha este ano?</p>
<p><u>Bloco C</u> Organização do Espaço e materiais na aprendizagem das crianças</p>	<p>Compreender a conceção da educadora no que respeita à influência que o espaço assume no desenvolvimento e aprendizagem das crianças</p>	<p>Qual a importância que atribui à organização do espaço na sua intervenção com as crianças?  Na sua opinião, a organização dos espaços tem influência na aprendizagem das crianças? - Porquê? - De que forma é que isso acontece?  De que forma, as crianças participam na organização da sala?</p>
	<p>Recolher informações sobre as conceções da educadora no que respeita a organização da sala.</p>	<p>Quando organiza o espaço quais são os aspetos que considera fundamentais?  Como inicia esse processo?</p>

<p><u>Bloco D</u> Representação de si enquanto planificadora do ambiente educativo</p>	<p>Compreender as intencionalidades educativas das educadoras referente à disposição do espaço</p>	<p>Ao longo do ano a organização do espaço é sempre a mesma?</p> <p>O que pode influenciar para que ocorram mudanças na organização espaço?</p> <p>Do ponto de vista pedagógico, que regras julga necessárias explicitar com as crianças para que haja harmonia no funcionamento das áreas?</p> <p>Quais são as principais dificuldades sentidas em relação ao trabalho de organização do espaço?</p>
--	--	---

Apêndice C-Transcrição da entrevista individual à educadora cooperante em contexto de Jardim de Infância

**Transcrição da entrevista individual à educadora em contexto de Jardim de Infância**

**Data:** 27 de março 2020

**Local:** Entrevista via Zoom

**Duração:** 30m

**Em primeiro lugar queria agradecer a disponibilidade que teve para colaborar nesta investigação.**

**Qual a sua idade?**

37

**Quais são as suas habilitações académicas?**

Licenciatura em Educação de Infância, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa - 2001/2005

**Quantos anos tem de serviço como educadora?**

A trabalhar no ativo desde setembro de 2005. Contados apenas cerca de 5, mas ao todo serão 15 este ano, com uns quantos intervalos pelo meio

**Há quantos anos está ao serviço desta instituição?**

4 anos

**Qual é a faixa etária com que trabalha este ano?**

Este ano estou a trabalhar com um grupo vertical 3,4,5 (como o MEM) defende.

**Qual a importância que atribui à organização do espaço e dos materiais na sua intervenção com as crianças?**

Para mim é fundamental que o espaço e os materiais que se encontram na sala sejam e estejam totalmente ao alcance das crianças. Não pode haver sítios “proibidos” ou materiais onde não se pode mexer! Onde eles couberem é porque lá podem estar e onde eles chegarem é porque podem mexer! (risos) É claro que podemos sempre combinar regras sobre essa matéria, como por exemplo, dentro dos armários estão arrumados os excedentes de material para irmos repondo e aí, embora lá cheguem, não é para mexerem.

Assim, como para mim faz sentido que o espaço e que os materiais respondam, em primeiro lugar, às necessidades e interesses das crianças é-me muito natural repensar e reorganizar a disposição da sala ao longo do ano, bem como os materiais afetos a cada uma das áreas.

Se observo que há uma área pouco procurada tento, em conversa com a equipa e com o grupo, perceber se é um problema de espaço (é complicado lá ir, está muito escondida, etc...) ou um problema de materiais (os mesmos há muito tempo, falta de novidades e desafios, etc...)

Geralmente, a leitura que se faz em conjunto destes “problemas” é muito sincera e acaba por ser fácil chegar à conclusão de que temos de fazer mudanças! E mudar a sala é sempre sinónimo de festa porque toda a gente ajuda! (risos)

### **Na sua opinião, a organização dos espaços tem influência na aprendizagem das crianças? Porquê?**

Creio que a organização dos espaços poderá ter influência na aprendizagem das crianças se a disposição da sala e respetivas áreas não for, também para elas, apelativa e clara.

Uma sala onde tudo se parece amontoar, onde não se percebe bem onde acaba e começa outra área, onde uma mesma mesa serve de apoio a duas áreas distintas, por exemplo, é uma sala confusa onde as próprias crianças terão dificuldade em orientar-se. Para que a aprendizagem tenha lugar, para que em cada área as crianças possam escolher e realizar atividades significativas é necessário que a sala se organize em espaços que se distingam uns dos outros pela oportunidade que apresentam.

### **De que forma é que isso acontece?**

Ao dispor as áreas de forma a que seja perceptível aquilo que nela pode acontecer é meio caminho andado. Depois, creio que é importante fazer uma espécie de inventário de atividades possíveis em cada um dos espaços com as crianças, para que elas sejam coautoras das intenções específicas de cada área e de qual o uso apropriado dos materiais nelas existente.

Ao definirmos todos juntos o que se pode fazer em cada área, as crianças são mais autónomas na eleição de atividades porque conhecem os espaços e materiais disponíveis e fizeram parte dessa regulação coletiva. Assim, ao fazerem as atividades de acordo com o combinado estão a corresponder aos objetivos previamente delineados e a conseguirem atingir metas de aprendizagem ao utilizarem de forma apropriada o espaço e os materiais.

### **De que forma, as crianças participam na organização da sala?**

Conforme referi anteriormente, as crianças são convidadas a repensar a organização da sala sempre que necessário. Se há uma área menos escolhida importa perceber com elas porquê e reformulá-la ou dispô-la noutra sítio.

Além disso, sempre que chega à sala um novo material ou uma sugestão que as crianças desejam incluir no espaço, a sua opinião sobre a forma como vamos reorganizar o espaço para poder acolher essas novidades é, sempre que possível, ponderada e acolhida também.

### **Quando organiza o espaço quais são os aspetos que considera fundamentais?**

Faço sempre um esforço para poder como que delinear um espaço visível para cada uma das áreas, criando formas de torná-las espaços independentes e que não se misturam nem se confundem. Ou seja, disponho as áreas de forma a que seja fácil e perceptível a sua identificação, mesmo sem um suporte escrito que as identifique.

Além disso, tento o mais possível que as áreas mais calmas sejam “vizinhas” umas das outras e que as áreas mais sujas/barulhentas estejam dispostas da mesma maneira. Ou seja, tento nunca colocar na proximidade imediata uma Biblioteca e uma Área das Construções, por exemplo!...

Gosto de, sempre que possível, colocar junto da janela as áreas da Biblioteca e da Escrita e a Área Polivalente, vulgo tapete, numa zona que seja mais central, por exemplo.

### **Como inicia esse processo?**

Como assim? (risos) Invariavelmente, junto da porta da sala! Olho para os espaços, para o mobiliário de que disponho e tento imaginar de que forma ficariam melhor, de acordo com tudo o que explicitiei anteriormente...

Regra geral, esta primeira organização é feita com a Equipa de Sala. Regra geral, esta primeira organização é feita com a Equipa da sala. Esta equipa sou eu e a auxiliar. O que fazemos é ver quais as crianças que nos acompanharão e refletimos sobre os espaços que tivemos e como funcionaram, vimos o que funcionou e que não correu bem e a partir daí decidimos que espaços vamos organizar e a disposição deles e o que cada um vai ter em termos de materiais. Como tenho uma franca e péssima inteligência espacial, muitas vezes rabisco plantas para ajudar à visualização!...

Esta primeira disposição é sempre feita com a certeza de que só depois de as crianças lá estarem é que se perceberá se funciona ou não e se serão necessárias alterações!

### **Ao longo do ano a organização do espaço é sempre a mesma?**

NUNCA!!! (risos) Já trabalhei num sítio onde éramos obrigadas a mudar a disposição da sala a cada novo período e por uma questão estética, mesmo só porque era mais bonito não estar sempre igual... Se a meio do 1º período achasse que era precisa uma mudança estava fora de questão fazê-lo!

Ora isso não faz sentido nenhum porque quando deixo a sala preparada em agosto sei, de certeza, que mais cedo ou mais tarde ela sofrerá alterações depois do ano letivo começar em setembro!

### **O que pode influenciar para que ocorram mudanças na organização espaço?**

As crianças e a forma como vivem dentro da sala, como organizam as suas brincadeiras e como interagem nas suas atividades diárias vão dizer-nos muito sobre a forma como organizámos o espaço e dispusemos os materiais! E para mim é quase certo que haverá mudanças depois de o ano letivo começar!

Além disso, fatores inesperados podem despoletar essa necessidade de mudança e não podemos simplesmente ignorá-los e manter tudo na mesma, de setembro a julho!

Este ano, por exemplo, já aconteceu termos de arranjar espaço para acolher um Cantinho da Calma, por sugestão das crianças, entusiasmadas pela partilha de uma delas. O ano passado o faz-de-conta mudou várias vezes de cenário e este ano também já tivemos uma mercearia por sugestão de uma saída que fizemos.

A Mercearia deu novamente lugar ao cenário da Casinha e por causa dessa mudança e porque em Equipa percebemos que havia áreas confusas na forma como tínhamos disposto algumas áreas, trocámos a disposição de toda a sala

### **Do ponto de vista pedagógico, que regras julga necessárias explicitar com as crianças para que haja harmonia no funcionamento das áreas?**

Tenho sempre o cuidado de identificar cada uma das Áreas através de suporte escrito e, depois de algumas semanas, conversar com o grupo e serem eles a definir quantas crianças poderão estar em simultâneo em cada área.

Desta forma, essa regra surge de uma necessidade sentida pelas crianças quando sentem que há muitos conflitos pela permanência em simultâneo de um número exagerado de crianças para determinado espaço. Definido por elas será muito mais facilmente cumprido e há, naturalmente, uma diminuição dos conflitos.

Quando há incumprimentos são as próprias crianças a corrigirem-se umas às outras, exatamente porque se sentem proprietárias dessa regra e a intervenção do adulto é muito menos requisitada para a resolução deste tipo de conflito.

Com este tipo de organização para o funcionamento das áreas, supõe-se uma maior harmonia, mas também mais autonomia das crianças quando fazem as suas escolhas e fazem a sua observação para perceber se podem, ou não, em dado momento, estar na área que pretendem.

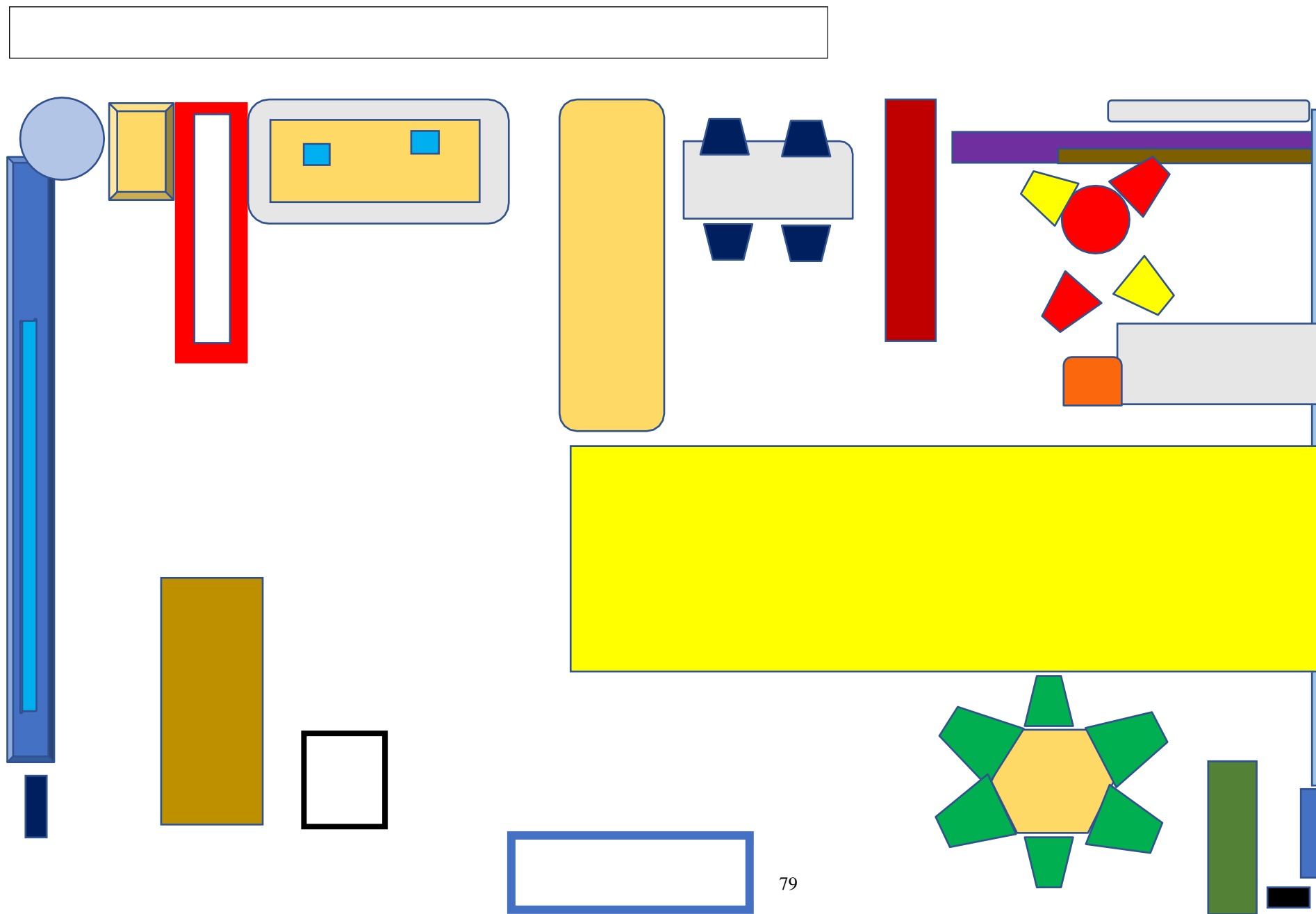
### **Quais são as principais dificuldades sentidas em relação ao trabalho de organização do espaço?**

Eu precisaria sempre de mais espaço! (risos) Uma sala maior, sem dúvida, para áreas mais amplas onde os materiais também poderiam ser mais e dispostos de outra forma!... Para além disso, o mobiliário disponível também tem sempre um peso enorme nesta organização e às vezes também acho que me faltam móveis para poder ter as coisas todas como eu mais gostaria, de acordo com tudo o que referi anteriormente!

Aí, entra em ação a imaginação e a possibilidade de reutilização de materiais variados e que muitas vezes trago para a sala com fim ao melhoramento de alguma questão!...
















**Desde já muito obrigada pelo seu tempo. A entrevista será transcrita e depois devolvida para que verifique se está tudo de acordo com o que conversamos e para o caso de pretender fazer alterações.**

Apêndice D-Planta de sala em contexto de Jardim de Infância do 1º período





**Legendas:**

	Bancada		Mesa de luzes
	Placard		Móvel com material para a mesa de luzes
	Área da expressão plástica		Porta de fogo
	Área da biblioteca		Organizador de trabalhos individuais
	Área da escrita		Área das ciências e Matemática
	Área do faz de conta		
	Área das construções		
	Área polivalente /tapete		
	Janelas		
	Porta de saída para o exterior		
	Cabides		

